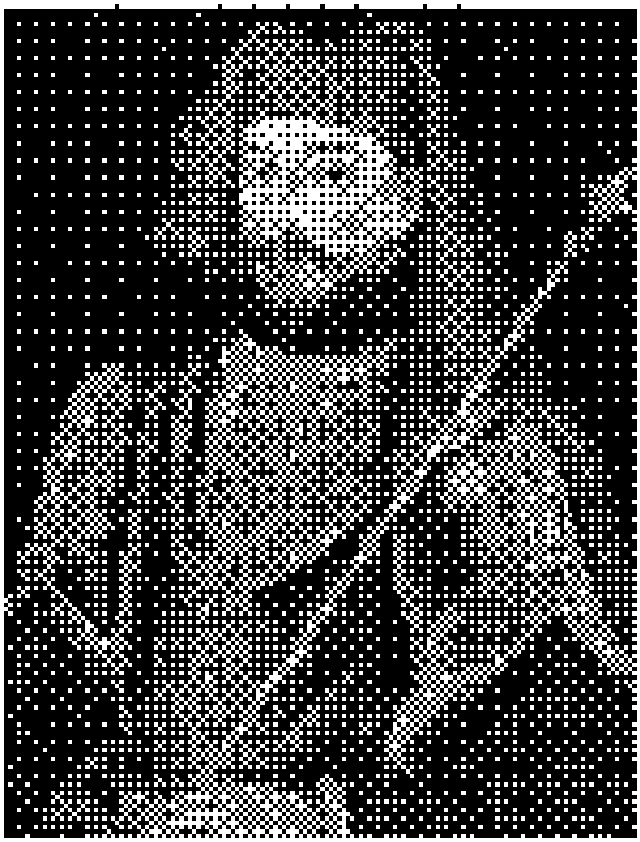
HENRIQUE IV

Parte I



SHAKESPEARE

Ridendo Castigat Mores

Henrique IV (Parte I)
William Shakespeare

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org

Copyright:
Autor: William Shakespeare
Tradução: Carlos A. Nunes
Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores
www.jahr.org
"Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sempre por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos; tenho a obrigação de retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou."
Nélson Jahr Garcia (1947-2002)

HENRIQUE IV
— Parte I —

William Shakespeare

ÍNDICE

PERSONAGENS — 6

ATO I
Cena I — 8
Cena II — 12
Cena III — 23

ATO II
Cena I — 36
Cena II — 42
Cena III — 49
Cena IV — 55

ATO III
Cena I — 85
Cena II — 98

Cena III — 105

ATO IV
Cena I — 116
Cena II — 123
Cena III — 128
Cena IV — 134

ATO V
Cena I — 136
Cena II — 142
Cena III — 147
Cena IV — 151
Cena V — 160

PERSONAGENS

REI HENRIQUE IV.
HENRIQUE, Príncipe de Gales, filho do rei
JOÃO DE LENCASTRE, filho do rei.
CONDE DE WESTMORELAND.
Sir WALTER BLUNT.
TOMÁS PERCY, Conde de Worcester.
HENRIQUE PERCY, Conde de Northumberland.
HENRIQUE PERCY, chamado Hotspur, seu filho.
EDMUNDO MORTIMER, Conde de March.
RICARDO SCROOP, Arcebispo de York.
ARQUIBALDO, Conde de Douglas.
OWEN GLENDOWER.
Sir RICARDO VERNON.
Sir JOHN FALSTAFF.
Sir MICAEL, amigo do Arcebispo de York.
POINS.
GADSHILL.
PETO.
BARDOLFO.
LADY PERCY, mulher de Hotspur e irmã de Mortimer.
LADY MORTIMER, filha de Glendower e mulher de Mortimer.

MISTRESS QUICKLY, estalajadeira da taberna "Cabeça de javali", em Eastcheap.
Nobres, oficiais, xerife, taberneiro, criados, dois carreteiros, viajantes e gente de serviço.

ATO I

CENA I

Londres. Palácio. Entram o Rei Henrique, Westmoreland e outros.

REI HENRIQUE — Muito embora ainda pálido e abalado pelas preocupações, achamos tempo para deixar que a Paz aterrorada e arquejante nos fale em termos curtos de outras lutas em plagas bem remotas. As fauces ressecadas deste solo não mais os lábios tingirão com o sangue dos próprios filhos, nem a guerra os campos cortará com trincheiras ou as flores esmagará com os cascos inimigos. Os olhos incendiados, quais meteoros em turvo céu, só de uma natureza todos eles, de uma única substância, até há pouco travados em contendas internas e hecatombes fratricidas, marcharão ora em filas harmoniosas por um mesmo caminho, sem mais luta contra amigos, aliados e parentes. A guerra, como faca em bainha velha, não mais o dono há de ferir. Por isso. amigos, até ao túmulo de Cristo — de quem soldados somos, obrigados a lutar sob a cruz sempre bendita — levaremos guerreiros da

Inglaterra, de braços conformados na mãe-pátria para os pagãos vencer dos campos sacros onde os pés abençoados assentaram, e onde, há quatorze séculos, na amarga cruz, para nosso bem, foram cravados. Essa resolução data de um ano; inútil será, pois, dizer que iremos; não viemos discuti-la neste instante. Dizei-nos, caro primo Westmoreland, o que esta noite fez nosso Conselho em prol de tão grandiosa e cara empresa.

WESTMORELAND — Meu soberano, a pressa foi pesada devidamente e as verbas aprovadas ainda esta noite; mas atravessou-se-nos um correio de Gales, carregado de notícias, das quais a pior dizia respeito ao nobre Mortimer, que gente de Herefordshire havia conduzido contra o insurrecto e rústico Glendower, e que nas mãos caiu desse galense. Pereceram mil homens de suas tropas, cujos corpos com tal brutalidade, com tão bestial furor foram tratados pelas galenses, que não é possível, sem rubor, falar nisso ou repeti-lo.

REI HENRIQUE — Parece que a notícia desse fato frustra a viagem ideada à Terra Santa.

WESTMORELAND — Sim, gracioso senhor, ao lado de outras, pois notícias mais cruas e importunas do norte nos chegaram, que referem como ali se chocou, no dia exato da Santa Cruz, o

moço Henrique Percy, o valoroso Hotspur, contra Arquibaldo, o escocês sempre bravo e sempre esperto, em Holmedon, onde uma hora bem triste eles passaram, a julgar pelos trons da artilharia e ainda outros indícios. O emissário que a notícia nos trouxe, cavalgara no momento mais árduo da refrega, sem saber com certeza o resultado.

REI HENRIQUE — Eis que acaba de apear-se do cavalo um amigo querido e diligente, Sir Walter Blunt, que vem todo coberto de manchas, apanhadas no caminho entre Holmedon e nossa augusta sede, e que novas mui gratas nos refere: derrotado a estas horas se acha o Conde de Douglas; dez mil homens escoceses, vinte e dois cavaleiros, viu Sir Walter no próprio sangue tintos, pelos plainos de Holmedon; prisioneiros fez Hotspur Mordake, o herdeiro do vencido Douglas, Duque de Fife, e os Duques de Angus, Murray, de Athol e de Menteith. Em verdade, um despojo muito honroso, não vos parece, hem, primo, um belo prêmio?

WESTMORELAND — De fato, é uma conquista destinada a encher de orgulho um príncipe.

REI HENRIQUE — Fazes-me triste e, mais, pecar me fazes, pois tenho inveja ao pai abençoado, Lorde Northumberland, por ter tal filho, tema constante da honra, a mais esbelta

árvore da floresta, o delicado favorito e, ainda, o orgulho da Fortuna, ao passo que eu, sua glória contemplando, vejo o vício e a desonra na pessoa do meu jovem Henrique. Oh! se possível fosse provar que um gênio buliçoso trocara nossos filhos, dando o nome de Percy ao meu e ao seu Plantageneta, meu fora o seu Henrique e o dele meu. Mas esqueçamos isso. Que pensais, primo, da altanaria desse jovem Percy? Intenta ficar, para uso próprio, com os prisioneiros todos capturados nessa aventura, e manda-me recado de que Mordake só, Duque de Fife, me reserva.

WESTMORELAND — É o que o tio lhe ensina; Worcester sempre em tudo é vosso desafeto, donde vem envaidar-se Percy e a jovem crista levantar contra Vossa Dignidade.

REI HENRIQUE — Mas intimei-o a vir prestar-me contas, motivo de deixarmos por um tempo nosso santo propósito da viagem até Jerusalém. Primo, na próxima quarta-feira o Conselho reuniremos em Windsor; informai todos os lordes, mas voltai para nós com toda a pressa, que ainda falta dizer e fazer muito mais do que me permite a indignação.

WESTMORELAND — Pois não, meu soberano!

(*Saem.*)

CENA II

Palácio. Um quarto dos aposentos do príncipe. Entram o príncipe e Falstaff.

FALSTAFF — Então, Hal! Que horas são, rapaz?

PRÍNCIPE — Embruteceste de tal modo, à força de beber xerez, de desabotoar-te depois da ceia e de dormir à tarde sobre os bancos, que te esquece perguntar o que, realmente, mais importa saberes. Que diabo tens tu que ver com o tempo? A menos que as horas sejam copos de xerez; os minutos, capões; os relógios, línguas de alcoviteiras; o quadrante, escudo de bordel, e o próprio sol abençoado, fogosa e bela rameira vestida com tafetá flamejante, não vejo razão para fazeres perguntas supérfluas, como essa relativa às horas.

FALSTAFF — Deste no vinte, Hal, não há que ver, porque nós outros, os tomadores de bolsas, nos guiamos pela lima e as sete estrelas, não por Febo, "o belo cavaleiro errante". Uma coisa te peço, meu querido, quando fores rei — conserve

Deus tua graça — majestade, queria dizer, porque o certo é que isso de graça nunca terás nenhuma.

PRÍNCIPE — Como! Nenhuma?

FALSTAFF — Palavra! Nem mesmo a suficiente para servir de prólogo a um ovo com manteiga.

PRÍNCIPE — Bem; e que mais? Arredonda logo o discurso.

FALSTAFF — Já chego lá, meu caro: quando fores rei, não permitas que nós outros, os cavaleiros da Ordem da Noite sejamos denominados ladrões da beleza do dia; que nos dêem o nome de guardas florestais de Diana, gentis-homens da sombra, favoritos da lua, e que nos considerem gente de bom governo, visto sermos governados da mesma maneira que o mar, por nossa nobre e casta senhora, a lua, sob cuja proteção roubamos.

PRÍNCIPE — Dizes bem e com propriedade, porque a fortuna dos que nós chamamos homens de bem deve ter fluxo e refluxo como o mar, uma vez que é governada pela lua. E a prova, aqui a temos: uma bolsa de ouro, resolutamente roubada na noite de sexta-feira e mais dissolutamente esvaziada na terça, adquirida com o dito de “Larga!” e gasta com os gritos de “Traga-

me!” agora, com a maré baixa, no pé da escada, para depois, com a cheia, tocar no alto da forca.

FALSTAFF — Por Deus, tens razão, rapaz; mas dize-me uma coisa: a hoteleira da taberna não é uma criatura deliciosa?

PRÍNCIPE — Tanto quanto o mel de Hibla, meu velho fanfarrão. E não é verdade também que um colete de búfalo é peça que dura muito tempo?

FALSTAFF — Que estás a dizer, maluco? Outra vez com sarcasmos e sutilezas? Que diabo tenho eu que ver com um colete de búfalo?

PRÍNCIPE — E que me importa a mim a hoteleira da taberna?

FALSTAFF — Como não? Muitas e muitas vezes a tens chamado para pagar-lhe a conta.

PRÍNCIPE — E já te chamei alguma vez para que pagasses a tua parte?

FALSTAFF — Não, justiça seja feita; lá, sempre pagaste tudo.

PRÍNCIPE — E em outros lugares, também, uma vez que disponha de numerário; e, quando falta o dinheiro, recorro ao crédito.

FALSTAFF — É fato; e de tal modo usas dele, se não fosse presumir-se que és o herdeiro presuntivo... Mas dize-me uma coisa, delicioso pândego, quando fores rei, ficará de pé alguma forca na Inglaterra? E será a resolução maltratada como hoje em dia, pelo freio enferrujado dessa antiqualha que se chama lei? Não enforques nenhum ladrão, quando fores rei.

PRÍNCIPE — Não; tu o farás.

FALSTAFF — Verdade? Oh boniteza! Por Deus, vou dar um juiz admirável.

PRÍNCIPE — Começas julgando mal; o que eu quis dizer é que tu próprio enforcarás os ladrões, tornando-te, assim, excelente carrasco.

FALSTAFF — Muito bem, Hal; de certo modo isso vai com o meu temperamento, tanto como ficar de espera na ante-sala do palácio, asseguro-te.

PRÍNCIPE — Para obter proventos?

FALSTAFF — Sim, para obter roupas, porque, como sabes, o guarda-roupa dos carrascos sempre está bem provido. Com a breca! Encontro-me hoje tão melancólico quanto um gato velho ou um urso com mordaça.

PRÍNCIPE — Ou como um leão decadente ou o alaúde de um namorado.

FALSTAFF — Ou como o ronco de uma gaita-de-foles de Lincolnshire.

PRÍNCIPE — E que dizes de uma lebre ou da melancolia do charco de Moor-ditch?

FALSTAFF — Sempre te vales das comparações mais desagradáveis, sendo, como de fato o és, o mais comparativo, maroto e delicioso principezinho que já se viu. Mas, meu caro Hal, por favor não me fales mais dessas vaidades. Por Deus, desejaria que eu e tu soubéssemos onde se pode comprar provisão de bons nomes. Um velho lorde do Conselho me admoestou em público, recentemente, por vossa causa, senhor, mas não lhe dei atenção alguma; falou muito assisadamente, mas não olhei para o seu lado; no entanto, falou assisadamente, e no meio da rua, tudo isso.

PRÍNCIPE — Fizeste bem, que a sabedoria grita pelas ruas, mas ninguém lhe dá ouvidos.

FALSTAFF — Fazes sempre citações execráveis; és capaz de corromper um santo. Tu me tens prejudicado muitíssimo, Hal; Deus te perdoe. Antes de conhecer-te, Hal, ignorava tudo; e agora, para dizer toda a verdade, valho pouco mais que um pecador. Preciso deixar esta vida, e hei de deixá-la. Por Deus, se o não fizer, não passarei de um rematado velhaco; não quero ir

para o inferno por causa de nenhum filho de rei da Cristandade.

PRÍNCIPE — Onde roubaremos uma bolsa amanhã, Jack?

FALSTAFF — Cáspite! Onde quiseres, rapaz: adiro ao bando; se eu recuar, podes chamar-me de vilão e zombar de mim quanto quiseres.

PRÍNCIPE — Estou vendo que te encontras, realmente, no caminho da regeneração: passas da prece para o roubo.

(*Entra Poins, a distância.*)

FALSTAFF — Que queres, Hal? E vocação. Não se pode censurar ninguém, por trabalhar de acordo com a vocação. Poins! Vamos ficar sabendo neste instante se Gadshill tem alguma coisa em perspectiva. Oh, se os homens tivessem de salvar-se pelo merecimento, que buraco no inferno será bastante quente para este? E o mais onipotente dos velhacos que já gritaram “Alto lá!” para um homem de bem.

PRÍNCIPE — Bom dia, Ned.

POINS — Bom dia, caro Hal. Que diz Monsieur Remorso? que diz Sir John Vinho-com-açúcar? Jack, como te arranjaste com o diabo a respeito de tua alma, que lhe vendeste na última

sexta-feira santa por um copo de madeira e uma perna fria de capão?

PRÍNCIPE — Sir John cumprirá a palavra e o diabo obterá a parte que lhe toca na barganha. Sir John jamais desmentiu nenhum provérbio; há de dar ao diabo o que é do diabo.

POINS — Então te condenarás por cumprires a palavra dada ao diabo.

PRÍNCIPE — De outra sorte se condenaria, também, por tê-lo enganado.

POINS — Muito bem, rapazes; amanhã bem cedo, pelas quatro horas, em Gadshill. Haverá peregrinos para Cantuária com ricas oferendas e comerciantes para Londres com bolsas recheadas. Arranjei máscaras para todos; cavalos, já os possuís. Gadshill fica esta noite em Rochester; a ceia de amanhã em Eastcheap já está encomendada; será tão fácil fazer a coisa como dormir. Se me acompanhardes, encher-vos-ei de coroas as bolsas; se não o quiserdes, ficai em casa e enforcai-vos.

FALSTAFF — Escuta, Eduardo: se eu ficar em casa e não te acompanhar, mandarei enforcar-te por teres ido.

POINS — Então vais mesmo, costeleta?

FALSTAFF — E tu, Hal, não aderes ao bando?

PRÍNCIPE — Eu, ladrão? salteador? Por minha fé, que não.

FALSTAFF — Em ti não se encontra nem honestidade, nem coragem, nem espírito de camaradagem. Demonstrarás não provires de sangue real, se não te atreveres a um assalto por dez xelins.

PRÍNCIPE — Bem, seja; farei uma loucura, pelo menos uma vez na vida.

FALSTAFF — Isso é que é falar com acerto.

PRÍNCIPE — Não; não vou; ficarei em casa, venha o que vier.

FALSTAFF — Por Deus, tornar-me-ei traidor, quando fores rei.

PRÍNCIPE — E a mim, que importa?

POINS — Sir John, por obséquio, deixai-me só com o príncipe. Hei de apresentar-lhe tais razões em prol dessa aventura, que ele não deixará de tomar parte nela.

FALSTAFF — Bem; Deus te conceda o espírito da persuasão e a ele ouvidos de aproveitar, para que as tuas palavras o abalem e ele acredite no que lhe disseres e, desse modo, um príncipe verdadeiro se transforme, por passatempo, em um falso salteador. Os pobres abusos desta época

necessitam de amparo. Adeus, encontrar-me-ás em Eastcheap.

PRÍNCIPE — Adeus, primavera retardada; adeus, verão de Todos-os-Santos.

(*Sai Falstaff.*)

POINS — E agora, meu querido príncipe de açúcar, vinde conosco amanhã; tenho uma brincadeira engatilhada, que não posso levar a cabo sozinho. Falstaff, Bardolfo, Peto e Gadshill roubarão essa gente que já temos em mira; nem vós nem eu estaremos lá; mas, se depois de se haverem desapossado da presa, não lhe pusermos a mão em cima, podeis separar-me dos ombros a cabeça.

PRÍNCIPE — E como nos livrarmos deles à saída?

POINS — Muito fácil: partiremos antes ou depois deles e marcaremos lugar de encontro, a que não havemos de comparecer. Desse modo, eles se aventurarão sozinhos à empresa; unia vez levada esta a efeito, cairemos em cima deles.

PRÍNCIPE — Bem; mas poderão reconhecer-nos pelos cavalos, ou pela roupa. ou por qualquer outra particularidade.

POINS — Ora! Não verão os cavalos, porque os esconderei no bosque; as máscaras,

trocaremos logo que nos separamos deles; além do mais, arranjei capas de bocaxim para vestirmos por cima da roupa.

PRÍNCIPE — Mas ainda assim, receio que não possamos com eles.

POINS — Qual! Considero dois deles os mais alentados de quantos poltrões já se puseram em fuga; quanto ao terceiro, se lutar mais do que for razoável, abjuro do ofício das armas. O chiste de tudo isso está na mentirada que esse velho pançudo há de contar-nos quando nos reunirmos para a ceia: como se terá batido com trinta pelo menos; quantas paradas tenha feito, os golpes que haja recebido, os perigos por que tenha passado. O auge da brincadeira consistirá, precisamente, em lhe darmos o desmentido.

PRÍNCIPE — Não há dúvida, irei contigo; prepara o que se fizer necessário, que amanhã à noite nos encontraremos em Eastcheap, para cear. Adeus.

POINS — Passe bem, meu príncipe.

(*Sai.*)

PRÍNCIPE — Eu vos conheço, e quero, por um tempo, prestar-me ao vosso humor vadio e infrene. Com isso, imitarei o sol radioso que consente que nuvens desprezíveis, ante o mundo,

a beleza lhe atenuem, porque, quando lhe apraz ser ele próprio, faça o anelo crescer a admiração, ao cortar ele as brumas e vapores que pareciam prestes a asfixiá-lo. Se o ano todo só fosse de feriados, como o trabalho, o esporte entediaria; mas, porque não freqüentes, são bem-vindos. Os acidentes raros sempre agradam. Assim, mal eu me dispa desta vida desregrada que levo, e me disponha a pagar até mesmo o que não devo, serei tanto melhor do que prometo, quanto mais enganar a expectativa do mundo inteiro. Como metal brilhante em fundo escuro, há de minha reforma sobre os erros resplandecer, mostrando-se mais bela de ver e mais atraente, que a virtude cujo brilho nenhum contraste exalta. Serei assim, pelo erro convertido, quando todos me derem por perdido.

(*Sai.*)

CENA III

Londres. Outra sala no palácio. Entram o Rei Henrique, Northumberland, Worcester, Hotspur, Sir Walter Blunt e outros.

REI HENRIQUE — Bem temperado e frio está meu sangue, incapaz de agitar-se a essas vilezas, certo o notastes, para assim pisardes em minha paciência. Mas afianço-vos que vou ser doravante o que fui sempre: poderoso e temido, não untuoso como o óleo e de macieza de penugem, o que me fez perder o alto respeito que aos grandes sempre os grandes tributaram.

WORCESTER — Não merece, senhor, a nossa casa que o poder a flagele desse modo, justamente o poder que a nossos braços tanto deve.

NORTHUMBERLAND — Senhor!

REI HENRIQUE — Retira-te, Worcester, que em teus olhos os meus já vêem perigo e rebelião. Senhor, vossa presença é por demais audaz e peremptória; não deve suportar a majestade

carrancas atrevidas de um vassalo. Tendes licença de sair; se acaso necessitar de vossos altos préstimos ou conselhos, de novo hei de chamar-vos. (*Sai Worcester.*) Íeis falando...

NORTHUMBERLAND — Sim, meu soberano, sobre esses prisioneiros reclamados por Vossa Majestade e que Harry Percy, aqui presente, em Holmedon fizera. Conforme diz, não foram recusados tal como a Vossa Alteza o noticiaram. A inveja, porventura, ou acaso, engano foram causa desse erro, não meu filho.

HOTSPUR — Meu soberano, não vos neguei nada; ocorre-me, porém, que, finda a luta, quando, sedento, esfomeado, exausto, por causa do furor com que lutara, apoiado me achava em minha espada, chegou-se-me um senhor mui bem vestido, tão guapo quanto um noivo, a barba feita como campo de sega após a festa. Parecia um modista perfumado; trazia uma caixinha entre o dedo índice e o polegar, que às vezes encostava no nariz, ora dele o retirava, até que este, irritado com a insistência, se pusesse a espirrar. Ria e palrava, e ao passarem soldados com cadáveres, chamou-lhes grosseirões, mal-educados, porque punham um corpo feio e sujo entre o vento e sua alta Senhoria. Interrogou-me usando só de termos raros e efeminados, reclamando-me, entre outras coisas mais, os prisioneiros para Vossa Grandeza. Nesse

instante, com a dor das feridas que esfriavam, já farto de aturar o bonifrate, por demais irritado e sem paciência, respondi qualquer coisa: que os teria... que não lhos dava... Louco me deixava vê-lo assim tão casquilho e perfumado, a falar tal qual uma camareira, de tiros de canhão, tambor e golpes — Deus lhe perdoei — sobre asseverar-me que para as contusões internas nada no mundo se compara ao espermacete, e que era grande lástima, em verdade, que o vilão do salitre fosse extraído das entranhas da terra inofensiva, para a tantos varões grandes e belos destruir covardemente, acrescentando que sem esses canhões tão desprezíveis com certeza soldado ele seria. A esse tão descosido palavrório respondi, como disse, vagamente. Não consintais, vos peço, que seus ditos venham meter-se entre o meu grande amor e vossa alta e acatada Majestade.

BLUNT — Dadas as circunstâncias, bom senhor, de tudo o que Harry Percy há relatado, semelhante pessoa, em tal momento, no local indicado, em suma, quanto nos contou, pode bem ser enterrado para não mais surgir, nem, de algum modo, prejudicá-lo, visto retratar-se de quanto porventura houvesse dito.

REI HENRIQUE — O fato é que só entrega os prisioneiros com a expressa condição de resgatarmos à nossa própria custa o seu cunhado, Mortimer, esse idiota, que traiu, por

minha alma, a sabendas, quantas vidas levara a combater contra o maldito feiticeiro Glendower, cuja filha, segundo ouvi dizer, acaba o Conde de March de esposar. Esvaziaremos nossos cofres por causa de um traidor? Compraremos traição? Transigiremos com poltrões que a si mesmo se perderam? Não; que morra de fome nas montanhas estéreis; não terei mais como amiga a pessoa que vier pedir-me um pêni para com ele pagar todo o resgate deste rebelde Mortimer.

HOTSPUR — Mortimer, um rebelde! Ele não vos deixou, meu soberano, senão pela inconstância da fortuna. Para prová-lo, basta uma só língua de todas as feridas, que têm boca, e que ele recebeu galhardamente quando da pugna singular nas ribas juncosas do Severne prazenteiro, em que a melhor porção de uma hora, em duelo, gastou ele, trocando, mão por mão, ousadias com o ínclito Glendower. Três vezes descansaram, três beberam, sob acordo, do rápido Severne, que, com medo de seus sangrentos vultos, tratando de ocultar a crespa fronte pelos trêmulos juncos se esgueirava, em sua margem cavada, retingidas com o sangue dos valentes inimigos. Nunca a traição mesquinha e repugnante manchou sua própria obra com feridas tão mortais, nem possível fora ao nobre Mortimer receber tantas e todas de bom grado. Que cessem, pois, as vozes caluniosas que o acusam de traição.

REI HENRIQUE — Mentes a favor dele, Percy, mentes; ele nunca lutou contra Glendower, afianço-te. Melhor lhe fora ver-se a sós com o diabo, do que ter Owen Glendower por inimigo. Não te envergonhas? Que daqui por diante não vos ouça falar mais nesse Mortimer. Mandai-me os prisioneiros logo e logo, ou, como agora, haveis de ouvir-me, certo, coisas que vos serão desagradáveis. Lorde Northumberland, tendes licença para vos retirardes, juntamente com vosso filho. Mas enviai-me logo todos os prisioneiros; do contrário, ainda ouvireis algo sobre o assunto.

(*Saem o Rei Henrique, Blunt e a comitiva.*)

HOTSPUR — Recusara-os, ainda que os pedisse o diabo com rugidos. Vou atrás dele para dizer-lho; desabafo o peito, muito embora com risco da cabeça.

NORTHUMBERLAND — Que é isso? Tanta cólera? Acalmai-vos; eis vosso tio.

(*Volta Worcester.*)

HOTSPUR — Falarei de Mortimer! Com a breca, hei de falar! Que se condene minha alma, se com ele eu não me unir. Por ele esgotarei todas as veias, gota a gota, a pingar na areia o sangue, contanto que levante o pobre Mortimer à altura desse ingrato soberano, o torpe, o gangrenoso Bolingbroke.

NORTHUMBERLAND — O rei deixou vosso sobrinho louco.

WORCESTER — Quem deu causa a esse fogo em minha ausência?

HOTSPUR — Vede! Quer que lhe entregue os prisioneiros! E ao falar-lhe de novo no resgate do irmão de minha esposa, ficou pálido, ao rosto me lançando o olhar da Morte, a tremer, só de ouvir falar em Mortimer.

WORCESTER — Não o censuro. Não foi, acaso, Mortimer considerado o herdeiro mais direto pelo extinto monarca?

NORTHUMBERLAND — Sim; eu mesmo lhe ouvi a proclamação. Passou-se o fato quando esse infeliz rei — Deus lhe perdoe os pecados! — seguiu para a campanha da Irlanda, donde veio bruscamente para ser destronado e executado.

WORCESTER — E, pela morte dele, a grande boca do mundo nos vomita infâmia e injúria.

HOTSPUR — Devagar! Por favor: o Rei Ricardo proclamou meu irmão Edmundo Mortimer herdeiro da coroa?

NORTHUMBERLAND — Eu próprio o ouvi.

HOTSPUR — Então ao rei seu primo eu não censuro por querer que ele morra nas montanhas

estéreis. Mas concebe-se que vós, que a coroa pusestes na cabeça desse homem sem memória, e que por ele carregais o labéu de um assassínio deprimente; concebe-se que todos suporteis maldições que vos rebaixam ao papel secundário de sequazes, de carrascos, de cordas e de escadas? Mas perdoai-me por ter descido tanto no afã de revelar-vos em que nível vos encontrais sob esse rei astuto. Dir-se-á em nossos dias — que vergonha! — falarão disso as crônicas futuras, que homens de tal nobreza e poderio se empenharam em causa tão injusta como vós ambos — Deus que vos perdoei — fizestes, arrancando a suave rosa — Ricardo — e, após, plantando em lugar dela este espinho, este cancro Bolingbroke. E se dirá, para maior vergonha, que fostes enganados e alijados por quem tão grande opróbrio padecestes? Não; vossa honra banida pode agora ser resgatada; é tempo de subirdes novamente no juízo são do mundo, de vos vingardes do humilhante escárnio desse rei orgulhoso que só pensa, noite e dia, em pagar o que vos deve fazendo-vos sofrer sangrenta morte. Por isso eu digo...

WORCESTER — Calma, primo! Basta! Ora um livro secreto vou folhear-vos e ler ao vosso perspicaz desgosto coisas tão perigosas quão profundas, tão pejadas de riscos e de audácia quanta a que se requer para torrente rugidora

vencer sobre uma lança vacilante em pinguela improvisada.

HOTSPUR — Quem despencar, boa noite! Ou nada, ou some. Se o perigo mandardes de este a oeste, desde que a honra de norte a sul o encontre, que se avenham! O sangue é mais ativo na caçada de um leão do que na simples corrida de uma lebre.

NORTHUMBERLAND — A só imaginação de um grande feito fá-lo transpor as raias da paciência.

HOTSPUR — Pelo céu! Penso ser coisa de nada saltar à lua pálida para a honra brilhante dai tirar, ou no mais fundo descer do abismo, onde jamais a sonda chegar consegue, e, assim, pelos cabelos arrastá-la, uma vez que toda a glória do feito o salvador a alcançar venha. Jamais hei de aceitar a glória a meias.

WORCESTER — Vê um mundo de imagens, sem a forma perceber, que importava fosse vista. Primo, dai-me atenção por um momento.

HOTSPUR — Apresento desculpas.

WORCESTER — Esses nobres escoceses, os vossos prisioneiros...

HOTSPUR — Todos são meus! Por Deus, esse monarca não há de obter nenhum dos escoceses,

embora a salvação de um só lhe viesse. Não os terá! Por esta mão, são meus.

WORCESTER — Exaltai-vos por nada, sem prestardes atenção aos meus ditos. Guardareis os prisioneiros.

HOTSPUR — Sim, nem se discute! Disse que não resgataria Mortimer; proibiu-me à língua de falar em Mortimer; mas hei de achá-lo quando entregue ao sono, e no ouvido gritar-lhe: Acorda! Mortimer! Mais: Hei de ensinar a um papagaio o nome de Mortimer e dar-lho de presente, com o fim de exacerbar-lhe sempre a cólera.

WORCESTER — Ouvi-me, primo; uma palavra, ao menos.

HOTSPUR — Renuncio a qualquer preocupação, exceto a de irritar o Bolingbroke e o Príncipe de Gales, o arruaceiro. Se eu não soubesse que seu pai não o ama e que folgara, até, com algum desastre, com um jarro de cerveja o envenenara.

WORCESTER — Adeus, parente; voltarei a falar-vos, quando vir que já estais disposto a ouvir-me.

NORTHUMBERLAND — Que abelha te picou, ou que impaciente loucura te domina, que assim

ficas tal qual uma mulher, sem dar ouvidos a nenhuma outra língua além da tua?

HOTSPUR — E que me sinto flagelado, todo cortado de chicote e em verdadeiro formigueiro, quando ouço o nome apenas desse politiqueiro Bolingbroke. No tempo de Ricardo — qual o nome do lugar? Que o carregue, então, o diabo! — Fica em Gloucestershire, onde morava seu tio, o duque louco, o Duque de York, onde eu dobrei os joelhos diante desse rei dos sorrisos pela vez primeiras sim, esse Bolingbroke, quando viestes de Ravenspurgh com ele.

NORTHUMBERLAND — No castelo de Berkeley.

HOTSPUR — Justamente! Quantos salamaleques esse galgo me dispensou ali! “Querido primo!” e “Gentil Harry Percy!” e “Quando a sua fortuna, ainda infantil, se tornar grande...” Vão para o inferno os primos dessa laia! Deus me perdoe. E agora, tio, vamos ouvir a vossa história; terminei.

WORCESTER — Se acaso o não fizestes, sem nenhuma cerimônia, contai tudo de novo.

HOTSPUR — Não, terminei; palavra!

WORCESTER — Voltemos, pois aos vossos prisioneiros: cedei-os sem resgate e usai o filho de

Douglas como vosso agente para ganhar os escoceses. Por diversas razões que por escrito hei de mostrar-vos, será coisa bem fácil, asseguro-vos.

(*Para Northumberland.*)

Vós, milorde, enquanto vosso filho pela Escócia estiver operando, deveis coar-vos no ânimo desse nobre e venerado sacerdote, o arcebispo...

HOTSPUR — De York, não?

WORCESTER — Certo. Ele ainda se ressente do traspasso do irmão, em Bristol, Lorde Scroop. Não falo por simples conjeturas, nem de coisas que presumo factíveis, mas de quanto foi ruminado, resolvido e escrito, e que apenas espera ver o rosto da ocasião, a fim de realizar-se.

HOTSPUR — Já o farejo. Por Deus! Vai ser magnífico!

NORTHUMBERLAND — Sempre soltas os cães antes de haveres a caça levantado.

HOTSPUR — Como assim? É impossível melhor plano. E depois: o poder de York e da Escócia a Mortimer se juntam, não?

WORCESTER — É isso.

HOTSPUR — Realmente, tudo está bem combinado.

WORCESTER — Razão não despicienda nos apressa: salvar nossas cabeças, colocando-nos na cabeça de tropas; pois embora nos comportemos todos com modéstia, o rei há de julgar-se sempre em dívida conosco, por pensar que não estamos satisfeitos, até que encontre o ensejo de ajustar contas. Vistes todos como principia a afastar-nos de sua graça.

HOTSPUR — É assim, de fato; importa, pois, vingarmo-nos.

WORCESTER — Adeus, primo; fiquemos nesta altura; por carta eu vos guiarei no ulterior curso. Quando a hora for chegada — e há de ser breve — saberei até Mortimer esgueirar-me e Glendower. Então vós, Lorde de Douglas e nossas forças lá nos reuniremos sem dano algum, que a tudo hei de prover, para que em nossos braços resistentes sustentemos o peso da Fortuna que por ora parece vacilante.

NORTHUMBERLAND — Adeus, mano; confio no nosso êxito.

HOTSPUR — Adeus, tio; que as horas sejam curtas até que os campos de batalha, e golpes, e gemidos conosco rejubilem.

(*Saem.*)

ATO II

CENA I

Rochester. Pátio de uma taberna. Entra um carreteiro com uma lanterna na mão.

PRIMEIRO CARRETEIRO — Olá! Quero ser enforcado, se já não forem quatro horas da manhã. O carro lá do alto já se encontra por cima da nova chaminé, e até agora o nosso cavalo ainda não foi atrelado. Olá, palafreneiro!

PALAFRENEIRO (*dentro*) — Um momento!

PRIMEIRO CARRETEIRO — Por favor, Tom, bate a sela de Cut e enche um pouco mais as almofadas; o pobre animal está com o lombo que dá pena.

(*Entra outro carreteiro.*)

SEGUNDO CARRETEIRO — As ervilhas e as favas daqui são tão úmidas como o capeta; não há coisa melhor para fazer que os pobres animais

fiquem com vermes. Esta casa ficou uma desordem depois da morte do palafreneiro Robim.

PRIMEIRO CARRETEIRO — Bom amigo aquele! Não teve um momento de alegria desde a alta da aveia; foi o que o matou.

SEGUNDO CARRETEIRO — Em toda a estrada de Londres não se encontra casa mais infame do que esta, por causa das pulgas. Estou picado que nem uma tenca.

PRIMEIRO CARRETEIRO — Uma tenca? Pela Santa Missa! Nenhum rei de toda a Cristandade foi mais picado do que eu, desde que o galo começou a cantar.

SEGUNDO CARRETEIRO — E isso; nunca põem urinol para a gente; servimo-nos da própria chaminé, o que, em matéria de pulgas, transforma o quarto em verdadeiro viveiro de cadozes.

PRIMEIRO CARRETEIRO — Palafreneiro, eh! vem para a forca, demônio!

SEGUNDO CARRETEIRO — Tenho de levar até Charing Cross um presunto e duas raízes de gengibre.

PRIMEIRO CARRETEIRO — Com todos os demônios! Os perus do meu cesto estão quase mortos de fome. Palafreneiro! Que um raio te

parta! Não tens olhos na cara? Estás surdo? Quero ser o maior velhaco, se abrir-te a cabeça não for tão gostoso como beber um trago. Vem para a forca! Não tens consciência?

(*Entra Gadshill.*)

GADSHILL — Bom dia, rapaz; que horas são?

PRIMEIRO CARRETEIRO — Penso que já são duas horas.

GADSHILL — Empresta-me, por obséquio, a tua lanterna, para ir ver na cocheira o meu cavalo.

PRIMEIRO CARRETEIRO — Mais devagar, meu velho! Conheço uma pilhéria que vale por duas dessas.

GADSHILL — Empresta-me a tua, por obséquio.

SEGUNDO CARRETEIRO — Como é o negócio? Empresta-me a lanterna? Para o diabo! Primeiro hei de ver-te enforcado.

GADSHILL — Senhor carreteiro, a que horas esperais chegar a Londres?

SEGUNDO CARRETEIRO — A tempo de ir para a cama com um candeeiro, asseguro-te. Vizinho Mugs, vamos acordar aqueles senhores;

desejam ir em nossa companhia porque levam muita carga.

(*Saem os carreteiros.*)

GADSHILL — Servente!

SERVENTE (*dentro*) — Ligeiro como um batedor de carteira!

GADSHILL — O que eqüivale a: ligeiro como um servente, porque a diferença que há entre ti e um batedor de carteira é a mesma que existe entre a indicação e a execução. És tu que preparas o golpe.

(*Entra o servente.*)

SERVENTE — Bom dia, mestre Gadshill. As coisas continuam no mesmo pé de que vos falei ontem. Acha-se aqui um rendeiro das selvas de Kent, que traz consigo trezentos marcos de ouro. Ouvi-o ontem à noite, por ocasião da ceia, quando falava nisso a um dos de sua companhia, uma espécie de auditor, que traz também um mundo de volumes; só Deus sabe o que contêm. Já se levantaram; pediram ovos com manteiga; vão partir logo.

GADSHILL — Dou-te este pescoço, amigo, se eles não se encontrarem com os irmãos de São Nicolau.

SERVENTE — De nada me serviria; deixa-o para o carrasco, porque bem sei que és tão devoto de São Nicolau quanto um indivíduo sem fé.

GADSHILL — Por que me falares em carrasco? Se me pendurarem, completarei um par de forcas adiposas; sim, se me enforcarem, o velho Sir John me fará companhia, e tu bem sabes que ele não está ético. Babau! Há outros troianos com que nem sonhas, que se dignam de emprestar alguma graça à profissão, por simples amor ao desporto, e que se incumbiriam de arranjar as coisas, para seu próprio crédito, no caso de querer alguém bisbilhotar. Eu não me ligo com vagabundos de pé no chão, esses indivíduos armados de grandes paus, que assaltam por seis pences, nem com bigodudos aloucados, de rosto vermelho de tanto chuparem cerveja, mas com senhorios e sereníssimas, burgomestres e tesoureiros, gente de responsabilidade, mais dispostos a bater do que a falar, a falar do que a beber, a beber do que a rezar, isto é, minto, que eles não cessam de ajoelhar-se diante do seu santo, o erário público. Ajoelhar-se diante dele, digo mal: montar nele, porque cavalgam livremente daqui para ali, fazendo botas do erário público.

SERVENTE — Como!? Do erário público eles fazem botas? E serão elas à prova de água nas estradas ruins?

GADSHILL — Perfeitamente; a própria Justiça se incumbiu de azeitá-las. Roubamos com tanta segurança como em um castelo à prova de fogo; possuímos o segredo da receita das sementes de feto, que nos permitem andar sem sermos vistos.

SERVENTE — Por minha fé, penso que isso de não serdes vistos deveis mais à noite do que às sementes de feto.

GADSHILL — Aperta aqui! Hás de ter a tua parte da presa, tão certo como eu ser homem de bem.

SERVENTE — Não, prefiro que a prometas por seres um ladrão falsificado.

GADSHILL — Ora deixa! Homo é o nome comum a todos os homens. Dize ao palafreneiro que traga da estrebaria o meu cavalo. Adeus, imundo!

(*Saem.*)

CENA II

Estrada de Gadshill. Entram o príncipe e Poins.

POINS — Vamos! Ocultemo-nos! Escondi o cavalo de Falstaff e este está ringindo como veludo engomado.

PRÍNCIPE — Esconde-te.

(*Afastam-se.*)

(*Entra Falstaff.*)

FALSTAFF — Poins! Que te enforquem! Poins!

PRÍNCIPE (*avançando*) — Silêncio, maroto enxundioso! Que gritaria é essa?

FALSTAFF — Onde está Poins, Hal?

PRÍNCIPE — Foi ao alto da colina; vou à sua procura.

(*Sai.*)

FALSTAFF — E preciso que eu seja amaldiçoado para roubar na companhia desse

ladrão. O velhaco furtou-me o cavalo e o amarrou não sei onde. Se eu andar mais o comprimento de quatro pés, fico sem fôlego. Deixa estar! Não duvido de que hei de ter uma boa morte, se escapar da forca por tirar a vida a esse bigorrilhas. Faz vinte e dois anos que, hora por hora, eu juro livrar-me da companhia desse biltre; até parece feitiço. Quero ser enforcado, se esse patife não me deu a beber qualquer mezinha para que lhe tenha amor. Poins! Hal! Que a peste vos carregue! Bardolfo! Peto! Quero morrer de fome, se der mais um passo para roubar. Se não for certo que é tão boa ação beber e tornar-me honrado, quero ser o mais chapado biltre que já mascou com um dente. Oito jardas a pé num terreno acidentado eqüivalem para mim a setenta milhas, o que esses vilões de coração de pedra sabem muito bem. Que a peste leve os ladrões que não guardam verdade aos próprios companheiros. (*Ouve-se um assobio.*) Huf! Que a peste vos carregue! Meu cavalo, bandidos! Dêem-me o meu cavalo e vão para a forca!

PRÍNCIPE (*avançando*) — Fica quieto, salsichão! Deita-te aí; cola o ouvido ao solo e dize-me se percebes passos de viajantes.

FALSTAFF — Tendes porventura alavancas para levantar-me, depois que eu estiver deitado? Com os diabos! Não carregarei mais a minha carne um só passo adiante, por todas as moedas

do tesouro de teu pai. Que peste vos levou a pisar-me deste modo?

PRÍNCIPE — Enganas-te; não estás pisado; estás peado.

FALSTAFF — Meu bom príncipe Hal, ajuda-me a achar o cavalo, excelente filho de rei.

PRÍNCIPE — Sai daí, velhaco! Porventura sou teu palafreneiro?

FALSTAFF — Enforca-te em tua própria liga de herdeiro presuntivo. Se eu for preso, denunciar-vos-ei por causa disto. Quero ser envenenado com um copo de vinho, se não vos puser a todos em versos, que farei cantar nas toadas mais sujas. Quando a brincadeira chega a esse ponto, e ainda por cima, de pé, não é comigo.

GADSHILL — Alto lá!

FALSTAFF — E o que eu tenho a fazer, quer queira, quer não.

POINS (*avançando*) — Oh! É o nosso perdigueiro! Conheci-o pela voz.

(*Entram Bardolfo e Peto.*)

BARDOLFO — Que novidade há?

GADSHILL — Disfarçai-vos! Ponde as máscaras! O dinheiro do rei vem descendo o morro; vai para o tesouro real.

FALSTAFF — Mentes, velhaco; vai para a taberna real.

GADSHILL — Há o suficiente para elevar a todos nós.

FALSTAFF — Até à forca.

PRÍNCIPE — Senhores, vós quatro os enfrentareis no desfiladeiro. Ned Poins e eu iremos mais devagar; se eles vos escaparem cairão em nossas mãos.

PETO — Quantos são ao todo?

GADSHILL — Oito ou dez.

FALSTAFF — Salta! Não poderão roubar-nos?

PRÍNCIPE — Como! Covarde, Sir John Pança?

FALSTAFF — Em verdade, não digo que eu seja vosso avô João de Gaunt; mas covarde, Hal, isto é que não.

PRÍNCIPE — É o que vamos ver agora.

POINS — Amigo Jack, teu cavalo está atrás da cerca; quando precisares dele, será fácil achá-lo. Adeus e agüenta firme!

FALSTAFF — Se pudesse moê-lo de pancada, embora me enforcassem por isso!

PRÍNCIPE (*à parte para Poins*) — Ned, onde estão os nossos disfarces?

POINS — Aqui ao lado. Escondei-vos.

(*Saem o príncipe e Poins.*)

FALSTAFF — E agora, mestres, quem tiver mais sorte pegará o melhor quinhão. Que todos se esforcem.

(*Entram viajantes.*)

PRIMEIRO VIAJANTE — Vamos, vizinho; o menino descerá a colina com os cavalos; andemos um pouco para esticar as pernas.

LADRÕES — Alto lá!

VIAJANTES — Valha-nos Jesus!

FALSTAFF — Pau neles! Ao chão com todos! Cortai o pescoço a esses biltres! Ah, gusanos miseráveis! comedores de toucinho! Têm inveja de nós, por sermos moços! Ao chão com todos! Depenemo-los!

VIAJANTES — Oh! Estamos arruinados para todo o sempre; nós e toda a nossa família.

FALSTAFF — Enforcai-vos, birbantes barrigudos! Qual arruinados, pançudos de uma figa! Quisera que se encontrasse aqui toda a vossa fortuna. Vamos, cevados, toca a andar! Que estais dizendo? Nós, os moços, também precisamos viver. Sois grandes jurados, não é verdade? Pois vamos jurar-vos desta vez.

(*Despojam-nos, amarram-nos e saem.*)

(*Voltam o príncipe e Poins.*)

PRÍNCIPE — Os ladrões amarraram os homens de bem; se pudéssemos, agora, roubar aos ladrões e voltar alegres para Londres, teríamos assunto para uma semana, gargalhadas para um mês e uma boa pilhéria para sempre.

POINS — Escondei-vos; ei-los que chegam.

(*Voltam os ladrões.*)

FALSTAFF — Agora, amigos, vamos repartir o bocado, e tratemos de montar antes que nasça o dia. Se o príncipe e Poins não forem dois poltrões de marca, já não há seriedade no mundo. Há tanta coragem nesse Poins quanta num pato silvestre.

PRÍNCIPE — A bolsa ou a vida!

POINS — Vilões!

(*Enquanto se achavam dividindo a presa, o príncipe e Poins caem sobre eles; correm todos; Falstaff, depois de trocar um ou dois golpes, foge com os outros, deixando todo o espólio.*)

PRÍNCIPE — Fácil vitória! E agora, galopar! Dispersos os ladrões, tal medo os enche, que enfrentar a si mesmos não se atrevem. Cada um vê no outro a sombra de um polícia. Vamos, amigo Eduardo! Falstaff sua de morrer e o caminho vai deixando que é só gordura. Se não fosse tudo para rirmos, teria pena, dele.

POINS — E que urros o velhaco vai soltando!

(*Saem.*)

CENA III

Warkworth. Um quarto no castelo. Entra Hotspur, lendo uma carta.

HOTSPUR — “No que apenas a mim se refere, milorde, ficaria bastante satisfeito se me encontrasse aí, pelo amor que dedico a vossa casa.” Ficaria satisfeito e Então, por que não vem? Pelo amor que dedica a nossa casa: revela com isso que é mais afeiçoado a sua granja do que a nossa casa. Vejamos mais um pouco: “A empresa que tentais é perigosa”. Certo! É perigoso, também, tomar um resfriado, dormir, beber; mas afianço-vos, milorde estúpido, que é do espinho do perigo que se colhe a flor da segurança. “A empresa que tentais é perigosa; os amigos que nomeastes, incertos; o próprio momento, inoportuno, e o plano em si muito leve para o contrapeso de tamanha oposição.” E assim? Pois eu vos digo também que mentis e que não passais de um rústico sem coragem. Por Deus! Nosso plano é tão bom como os melhores; nossos amigos, verdadeiros e constantes: bom plano, bons amigos e ótima expectativa; plano

excelente, amigos fidelíssimos. Que alma de gelo tem esse biltre! No entanto, milorde de York aprova o plano e a marcha geral da ação. Com todos os demônios! se eu pegasse agora esse vilão, abrir-lhe-ia o crânio com o leque da própria esposa. Então, meu pai, meu tio e eu próprio não nos encontramos nisso? Lorde Edmundo Mortimer, o Arcebispo de York e Owen Glendower? E os Douglas, ainda por cima? Não tenho em meu poder cartas deles todos, em que afirmam que virão em armas unir-se a mim no dia 9 do próximo mês? Alguns, até, já não se encontram em caminho? Que pagão miserável! Renegado! É certeza que com a sinceridade do medo e da pusilanimidade ele vai revelar ao rei todos os nossos projetos. Oh! Dá vontade de picar-me em pedacinhos e de esbofetear-me, por haver metido esse pote de coalhada em empreendimento de tal monta! Que se enforque! Que conte ao rei! Estamos preparados; partirei ainda esta noite.

(*Entra Lady Percy.*)

Então, Kate! Tenho que deixar-te dentro de duas horas.

LADY PERCY — Por que te achas tão só, querido esposo? Que fiz eu para estar há uma quinzena exilada do leito do meu Harry? Conta-me, esposo amado, qual a causa que de todo te

priva do apetite, da alegria e do sono da inocência? Por que os olhos assim cravas na terra, e estremeces amiúde, quando ficas sozinho? Por que o sangue rubicundo das faces te fugiu? Por que assim trocas meu tesouro e o direito sobre ti, pela meditação de olhar sombrio e essa melancolia amaldiçoada? Observando-te o sono tão inquieto, ouvi-te murmurar de lutas férreas e incitar teu cavalo irrefreável com gritos de “Coragem!” “Para a frente!” Falavas de saídas, retiradas, barracas e trincheiras, paliçadas, fortins e parapeitos, basiliscos, canhões e colubrinas, de soldados sem vida, de resgates, e de quanto um combate ardente integra. Tanto, dentro de ti, se achava em guerra teu espírito, e tanto te agitava que o suor, em bagas, te banhava a fronte como bolhas em riacho remexido. Estranhas contrações tu revelavas no rosto, talqualmente essas pessoas que o fôlego detêm, quando no ponto de súbita entrepresa. Que presságios são esses? Meu senhor tem algo em mente, que vai dizer-me; a menos que não me ame.

HOTSPUR — Olá!

(*Entra um criado.*)

O Guilherme partiu já com o pacote?

CRIADO — Há uma hora, senhor.

HOTSPUR — Butler trouxe os cavalos do xerife?

CRIADO — Acaba de chegar trazendo um deles.

HOTSPUR — Qual deles? Por acaso o ruão cabano?

CRIADO — Esse mesmo, senhor.

HOTSPUR — Farei dele o meu trono. Vou montá-lo sem mais perda de tempo. Oh, Espérance! Dize a Butler que o leve para o parque.

(*Sai o criado.*)

LADY PERCY — Atendei-me, senhor.

HOTSPUR — Que dissestes, senhora?

LADY PERCY — Que vos leva de minha companhia?

HOTSPUR — Meu cavalo, querida, meu cavalo.

LADY PERCY — Sai, macaco estouvado! Uma doninha revelara menos caprichos. Em verdade, Harry, desejo saber o que vos traz tão preocupado. Temo que meu irmão Mortimer queira defender seus direitos e que auxílio buscasse em vós. Se vos partis, realmente...

HOTSPUR — A pé, tão longe, cansaria, amor.

LADY PERCY — Vamos, meu periquito, respondei-me diretamente a quanto vos pergunto. Juro, Harry, que o minguinho vou quebrar-te no caso de ocultares a verdade.

HOTSPUR — Adiante, cabecinha de vento. Amar-te? Nunca! Não me interessas, Kate. Achas que é hora de brincar com boneca e parolar? Precisamos agora de narizes partidos e coroas amassadas, que passemos por boas. Meu cavalo, santo Deus! Que disseste, Kate? Queres de mim alguma coisa?

LADY PERCY — Não me amais, não é certo? Pois que seja. E porque não me amais, vou desprezar-me a mim própria, também. Odiais-me, é certo? Dizei se falais sério ou por brinquedo.

HOTSPUR — Não queres ver-me cavalgar, querida? Quando estiver montado, hei de jurar-te que te amo até o infinito. Porém, Kate, escutai-me; não quero mais ouvir-vos perguntar aonde eu vou, nem nada sobre semelhantes questões. Vou aonde devo. Enfim, para concluir: ainda esta tarde. Sei que sois muito prudente, mas não mais do que a esposa de Percy. Sois constante; contudo, sois mulher. Quanto a segredos, ninguém te vence em discrição; mas creio que não revelarás o que não sabes. A minha confiança, gentil Kate, vai até esse ponto.

LADY PERCY — Não mais longe?

HOTSPUR — Nem uma polegada mais. Ouvi-me, porém, Kate: aonde eu for, também ireis; hoje eu saio; amanhã partireis vós. Contentais-vos com isso, Kate?

LADY PERCY — Sim, não há outro remédio.

(*Saem.*)

CENA IV

Eastcheap. Um quarto na taberna "Cabeça de javali". Entram o príncipe e Poins.

PRÍNCIPE — Por favor, Ned, sai desse quarto engordurado e ajuda-me a rir um pouco.

POINS — Por onde tens andado, Hal?

PRÍNCIPE — Com três ou quatro lorpas, em meio de sessenta ou oitenta barricas. Fiz soar a corda mais baixa da humildade. E certo, amigo, entrei para a irmandade de três caixeiros de taberna e posso chamá-los pelos nomes de batismo, Tom, Dick, Francis. Todos eles juram pela própria salvação que embora eu não passe de príncipe de Gales, já sou o rei da cortesia, e me afirmam no rosto que eu não sou qualquer Jack cheio de empáfia, como Falstaff, mas um verdadeiro coríntio, um bom menino, um rapaz de valor — palavra! é assim que eles se referem à minha pessoa! — acrescentando que, quando eu for rei da Inglaterra, assumirei o comando de todos os bons rapazes de Eastcheap. Beber à farta, na sua linguagem, é tingir de escarlate, e,

quando respirais ao beber, gritam “Hum!” incitando-vos a não parar até ao fim. Em suma, fiz tais progressos em um quarto de hora, que por toda a vida me sinto capaz de beber com qualquer caldeireiro em sua própria língua. Afianço-te, Ned, que perdeste a oportunidade de ganhar muita honra, não me acompanhando em semelhante ação. Mas, doce Ned, para adoçar-te o nome dou-te estes dois vinténs de açúcar com que há pouco me presenteou um caixeiro de taberna que em toda a vida não falou mais inglês do que “Oito xelins e seis pences” e “Sede bem-vindo!” com o acréscimo estridente: “Neste momento, senhor! Vou buscar uma pinta de bastardo na Meia-lua!” e algo pelo estilo. Agora, Ned, para passarmos o tempo até que chegue Falstaff, vai para uma das peças contíguas, enquanto eu pergunto ao simplório do caixeiro para que fim ele me deu o torrão de açúcar. Não deixes de chamar “Francis!” para que ele não possa dizer mais do que “neste momento!” Põe-te aqui ao lado, para eu mostrar-te como deve ser feito.

POINS — Francis!

PRÍNCIPE — Magistral.

POINS — Francis!

(*Sai Poins.*)

(*Entra Francis.*)

FRANCIS — Neste momento, senhor! Neste momento! Ralph, vai ver o que na Romã estão querendo.

PRÍNCIPE — Vem cá, Francis.

FRANCIS — Senhor!

PRÍNCIPE — Francis, quanto tempo ainda terás de servir?

FRANCIS — Por Deus, cinco anos e tanto como...

POINS (*dentro*) — Francis!

FRANCIS — Neste momento, senhor! Neste momento!

PRÍNCIPE — Cinco anos? Por Nossa Senhora! prazo enorme para fazer tinir o estanho. Mas, Francis, não terás tu a coragem suficiente para revelar-te medroso diante desse contrato e mostrar-lhe um belo par de calcanhares, fugindo dele?

FRANCIS — Oh, senhor! Posso jurar sobre todos os livros da Inglaterra que eu teria coragem bastante para...

POINS (*dentro*) — Francis!

FRANCIS — Neste momento, senhor!

PRÍNCIPE — Que idade tens, Francis?

FRANCIS — Deixai ver... No próximo São Miguel farei...

POINS (*dentro*) — Francis!

FRANCIS — Neste momento! Esperai um momento, milorde.

PRÍNCIPE — Escuta, Francis; o açúcar que tu me deste custou-te um pêni, não é verdade?

FRANCIS — Oh, senhor! Quisera que houvesse custado dois.

PRÍNCIPE — Vou dar-te mil libras por ele; quando as quiseres, é só pedir, e serão tuas.

POINS (*dentro*) — Francis!

FRANCIS — Neste momento! Neste momento!

PRÍNCIPE — Neste momento, Francis? Não, Francis, amanhã, Francis; ou, Francis, na quinta-feira; ou melhor, Francis, quando o quiseres. Mas, Francis...

FRANCIS — Milorde!

PRÍNCIPE — Atrever-te-ias a roubar um sujeito de colete de couro, com botões de cristal,

de cabelos cortados rentes, com anel de ágata, meias cor de pulga, ligas de lã, voz melosa, bolsa espanhola...

FRANCIS — Oh, senhor! Que quereis dizer com isso, milorde?

PRÍNCIPE — Ora bem; estou vendo que só bebeis do vosso bastardo escuro. Toma cuidado, Francis; a tua camisa de linho branco pode sujar-se. Na Berberia, senhor, não chegará a tanto.

FRANCIS — Como, senhor?

POINS (*dentro*) — Francis!

PRÍNCIPE — Toca, moleque! Não estás ouvindo que te chamam?

(*O príncipe e Poins chamam por Francis ao mesmo tempo; Francis fica atrapalhado, sem saber para que lado corra.*)

(*Entra o taberneiro.*)

TABERNEIRO — Como é que ficas parado, quando te chamam desse jeito? Corre a servir os fregueses. (*Sai Francis.*) Milorde, o velho Sir John com mais uma meia dúzia de companheiros se encontra aí fora. Devo fazê-lo entrar?

PRÍNCIPE — Que esperem um pouco; depois abre-lhes a porta. (*Sai o taberneiro.*) Poins!

POINS — Neste momento, neste momento, senhor!

PRÍNCIPE — Escuta lá: Falstaff e os demais ladrões estão ai. Vamos divertir-nos um pouco?

POINS — Como grilos, rapaz. Mas contai-me como vos saístes na brincadeira com o caixeiro. Qual foi o resultado?

PRÍNCIPE — Sinto-me agora com todos os humores que se revelaram humores desde os velhos dias do honesto Adão até a hora juvenil da meia-noite que acaba de soar.

(*Francis atravessa o quarto, levando vinho.*)

Que horas são, Francis?

FRANCIS — Neste momento, senhor! Neste momento!

PRÍNCIPE — É inconcebível que seja filho de mulher um sujeito como esse, que conhece menor número de palavras do que um papagaio. Toda sua habilidade consiste em subir e descer escadas; sua eloqüência, a nota dos fregueses. Ainda não estou com a disposição de Percy, o Esporão quente do norte, o tal que vos mata seis ou sete dúzias de escoceses antes do almoço, lava as mãos e diz à mulher: “Que raio de vida ociosa! Necessito de movimento!” “Meu querido Harry“, diz ela, “quantos mataste hoje?“ “Dêem de beber

ao meu ruão", diz ele; e, uma hora depois: "Uns quatorze", responde; "uma ninharia!" Manda Falstaff entrar. Vou fazer o papel de Percy e esse javali dos diabos, o de Lady Mortimer, sua mulher. Rivo, como dizem os bêbados. Chama a esse fardo de toucinho, esse monte de sebo.

(*Entram Falstaff, Gadshill, Bardolfo, Peto e Francis.*)

FALSTAFF — Que a peste carregue com todos os covardes, é só o que eu digo, e que a vingança os persiga. É isso; amém. Rapaz, traze-me um copo de xerez. A continuar nesta vida, prefiro fiar meias, remendá-las e até pisá-las. Que a peste leve os poltrões. Vamos, maroto; dá-me um copo de xerez. Já não há virtude neste mundo?

(*Bebe.*)

PRÍNCIPE — Nunca viste o Titã de coração bondoso beijar um prato de manteiga e esta derreter-se sob as carícias do sol? Se já o viste, olha para esse conjunto.

FALSTAFF — Maroto, .este vinho contém cal. De velhaco só pode vir velhacaria, apesar de que um poltrão é pior do que um copo de xerez com cal. Poltrão infame! Segue teu caminho, velho Jack; morre quando te aprouver. Se o heroísmo, o verdadeiro heroísmo, não desaparecer da face da terra, não passo de um arenque seco. Na

Inglaterra só há três pessoas de bem que ainda não foram enforcadas e uma delas é gorda e começa a envelhecer. Que Deus nos ampare. Mundo infame, é só o que eu digo. Quisera ser tecelão, para cantar salmos ou coisas do mesmo gênero. Uma vez mais, que a peste leve a todos os poltrões.

PRÍNCIPE — Que é que estás resmungando, saco de lã?

FALSTAFF — Um filho de rei! Se eu não te expulsar de teu reino com uma espada de pau, tocando na tua frente a todos os teus súditos como um bando de gansos selvagens, não quero ter mais um só pelo no rosto. Vós, príncipe de Gales?

PRÍNCIPE — Mas, afinal, que é que houve, pançudo de uma figa?

FALSTAFF — Sois ou não covarde? Respondei a isso. E aquele Poins, também.

POINS — Com todos os diabos, barrigudo! Se me chamais de covarde, coso-te a punhaladas.

FALSTAFF — Eu, chamar-te de covarde? Primeiro te verei no inferno, antes de fazê-lo. Mas é certo que eu daria mil libras para correr como tu. Tendes as espáduas direitas e não vos importais que vos vejam pelas costas. E a isso

que chamais escorar os amigos? Para o diabo com semelhantes escoras! Arranjem-me quem me olhe de frente. Vamos! Um copo de xerez! Macaco me morda, se eu já bebi hoje alguma vez.

PRÍNCIPE — Oh, descarado! Ainda estás com os lábios úmidos do último copo de vinho!

FALSTAFF — É a mesma coisa. (*Bebe.*) O que eu digo é que a peste leve a todos os covardes.

PRÍNCIPE — Mas, afinal, que aconteceu?

FALSTAFF — Que aconteceu? Esta manhã, quatro dos que aqui estão presentes puseram a mão em cima de mil libras.

PRÍNCIPE — Onde estão elas, Jack? Onde estão?

FALSTAFF — Onde estão? Tomaram-nas de nós; uma centena contra quatro infelizes.

PRÍNCIPE — Como assim, homem! Uma centena?

FALSTAFF — Quero ser o maior velhaco se não cruzei espadas com uma dúzia deles pelo espaço de duas horas. Escapei por milagre; atravessaram-me oito vezes o gibão e quatro os calções; meu escudo é só buracos; a espada parece mais uma serra: ecce signum! Desde que sou homem, nunca briguei tão bem. Que a peste

leve os poltrões. Aqueles ali que o digam, e, se não contarem a verdade, sem tirar nem pôr, é que não passam de velhacos e de filhos das trevas.

PRÍNCIPE — Falai, senhores: como se deu o caso?

GADSHILL — Nós quatro caímos sobre uns doze...

FALSTAFF — Dezesseis, pelo menos, milorde.

GADSHILL — ... e os amarramos.

PETO — Não; não foram amarrados.

FALSTAFF — Como não, birbante! Foram todos amarrados, até ao último, ou eu não passo de um judeu, um judeu hebreu.

GADSHILL — Quando nos achávamos na repartição do espólio, seis ou sete indivíduos de fresco caíram sobre nós...

FALSTAFF — ...e soltaram os prisioneiros, que logo se juntaram a eles.

PRÍNCIPE — Que é isso? E lutastes contra eles todos?

FALSTAFF — Todos? Não sei o a que dais o nome de todos; mas se eu não lutei com quarenta, quero ser um feixe de rabanetes, e se cinqüenta e dois ou cinqüenta e três não caíram

em cima do velho Jack, então não sou criatura de duas pernas.

PRÍNCIPE — Queira Deus que não tenhas morto a alguns deles.

FALSTAFF — Já não adianta rezar. Empimentei a dois dos tais; dois, com certeza, ficaram liquidados, dois patifes com roupa de bocaxim. Uma coisa eu digo, Hal, se eu estiver mentindo, podes cuspir-me na cara e chamar-me de cavalo. Conheces muito bem minha velha guarda: era assim que eu estava, a espada desse jeito. Quatro velhacos de bocaxim caíram sobre mim...

PRÍNCIPE — Como quatro, se acabaste de dizer que eram dois?

FALSTAFF — Quatro, Hal; eu disse quatro.

POINS — Sim, sim; falou em quatro.

FALSTAFF — Esses quatro me atacaram de frente; todos de uma vez. Mas eu não me dei por achado e com o meu escudo aparei-lhes as sete pontas, assim!

PRÍNCIPE — Sete! Mas neste momento não passavam de quatro!

FALSTAFF — De bocaxim.

POINS — É isso: quatro, vestidos de bocaxim.

FALSTAFF — Sete! Pela empunhadura desta espada, ou eu não sou mais do que um velhaco de marca.

PRÍNCIPE — Deixa-o prosseguir, que ainda vai aparecer mais gente.

FALSTAFF — Estás me ouvindo Hal?

PRÍNCIPE — Sim, e também observando-te, Jack.

FALSTAFF — Fazes muito bem, que a história merece ser ouvida. Esses nove de bocaxim de que te falei...

PRÍNCIPE — Já apareceram mais dois.

FALSTAFF — ... uma vez saltados os botões...

POINS — Caíram-lhes as calças.

FALSTAFF — ... começaram a ceder-me terreno; mas cosime aos tais, pé com pé, mão por mão, e num abrir e fechar de olhos, liquidei sete dos onze.

PRÍNCIPE — Que portento! Onze indivíduos de bocaxim saídos de dois!

FALSTAFF — Mas nesse ponto o diabo trouxe três bandidos com roupa de cor verde de Kendal,

que me atacaram pelas costas, obrigando-me a recuar; porque fazia tamanha escuridão, Hal, de não se enxergar a mão diante dos olhos.

PRÍNCIPE — Essas mentiras são tais como o pai que as gerou: do tamanho de um monte, visíveis, palpáveis. Lingüiça com miolo de barro, imbecil de cabeça encalombada, sujo, indecente, monte de sebo...

FALSTAFF — Que é isso? Estás louco? A verdade é a verdade.

PRÍNCIPE — É certo; mas como pudeste perceber que as vestes desses homens eram de cor verde de Kendal, se a escuridão era tamanha que não enxergavas a mão? Vamos; dá-nos a tua razão; que respondes a isso?

POINS — Vamos; vossa razão, Jack; vossa razão!

FALSTAFF — Como! Sob coação? Ainda que me pusessem na polé ou me aplicassem todos os suplícios do mundo, coagido, não vos diria coisa alguma. Apresentar razões sob coação! Ainda que elas fossem mais abundantes do que amoras, obrigado, não apresentaria uma sequer. Eis aí.

PRÍNCIPE — Não quero continuar por mais tempo como cúmplice de semelhante pecado; este

poltrão sangüíneo, este entorta-camas, este descadeira-cavalos, este montão de carne...

FALSTAFF — Sai daí, faminto, pele de duende, língua defumada de vaca, vergalho de boi, bacalhau seco! Oh! quisera ter fôlego para dizer tudo com que te pareces, bainha, vara de alfaiate, caixa de guardar arco, espadim imprestável...

PRÍNCIPE — Muito bem; agora, respira um pouco, para recomeçares, e quando houveres esgotado todas as comparações ignóbeis, ouve-me por um instante.

POINS — Toma nota, Jack.

PRÍNCIPE — Nós dois vimos quando vós quatro caístes sobre quatro indivíduos, os amarraram e se apoderaram de seus haveres. E agora ouve como te reduzo a zero com uma história muito simples. Logo depois, nós dois caímos sobre vós quatro, tendo bastado uma palavra para tomar-vos a presa, que se acha conosco e que poderá ser-vos mostrada aqui mesmo nesta casa. Quanto a ti, Falstaff, jogaste as tripas ao ombro e te puseste a correr lestamente, berrando por clemência, não cessando de correr e de berrar como jamais ouvi a nenhum bezerro. E preciso que sejas um mentiroso de marca para deixares a espada naquele estado e depois vires dizer que foi em

combate. Que artimanha, que estratagema, que escapatória vais inventar agora para esconder-te de tão grande e manifesta vergonha?

POINS — Vamos ver, Jack; que vais inventar agora?

FALSTAFF — Por Deus! Eu vos reconheci tão bem como quem vos fez. Agora, caros mestres, ouvi-me: é crível que eu pudesse matar o herdeiro da coroa? rebelar-me contra o príncipe legítimo? Sabes perfeitamente, Hal, que eu sou tão valente quanto Hércules. Mas observa o instinto: o leão não toca no verdadeiro príncipe. O instinto é uma grande coisa: fui covarde por instinto. Enquanto viver, hei de ter opinião mais elevada de mim mesmo e de ti: de mim, como leão valente; de ti, como príncipe de verdade. Com a breca, rapazes, alegra-me saber que o dinheiro está convosco. Estalajadeira, fecha as portas! Velarás hoje à noite, rezarás amanhã! Valentes rapazes, companheiros, corações de ouro, deixai-me dar-vos todos os títulos da boa camaradagem. Toca a divertir! Vamos improvisar uma comédia?

PRÍNCIPE — Boa idéia; tua fuga servirá de argumento.

FALSTAFF — Se me tens amizade, Hal, não me fales mais nisso.

(*Entra a estalajadeira.*)

ESTALAJADEIRA — Oh Jesus! milorde príncipe!

PRÍNCIPE — A senhora hospedeira! Que tens a dizer-me?

ESTALAJADEIRA — É que, milorde, se acha à porta um nobre da corte, que deseja falar-vos; disse que vem a mandado de vosso pai.

PRÍNCIPE — Pois dá-lhe o suficiente para fazer dele um indivíduo de coroa e manda-o de volta para minha mãe.

FALSTAFF — Que espécie de homem é ele?

ESTALAJADEIRA — Um velho.

FALSTAFF — Que faz a gravidade fora do leito à meia-noite? Queres que lhe dê a resposta?

PRÍNCIPE — Sim, Jack.

FALSTAFF — Deixa isso por minha conta, que o despacharei em dois tempos.

(*Sai.*)

PRÍNCIPE — Pois foi assim, senhores! Por Nossa Senhora! lutastes valentemente; e vós, Peto; e vós, também, Bardolfo; sois leões, também, correstes por instinto, por não quererdes tocar no príncipe... Ora, deixai de conversa!

BARDOLFO — É certo; eu só corri, quando vi os outros correrem.

PRÍNCIPE — Mas, falando sério, dizei-me como foi que a espada de Falstaff ficou tão cheia de dentes.

PETO — Foi ele mesmo que fez isso com a adaga, afirmando que havia de jurar por quanta verdade há na Inglaterra que vos faria acreditar que fora em combate. Depois, concitou-nos a fazer o mesmo.

BARDOLFO — Sim, e mandou que esfregássemos grama no nariz até sair sangue, para com ele mancharmos as vestes e podermos jurar que se tratava de sangue de verdadeiros homens. Aconteceu comigo o que, havia sete anos, não se dava: corei de ouvi-lo inventar tantas mentiras.

PRÍNCIPE — Oh tratante! Há dezoito anos foste apanhado, quando roubavas um copo de xerez, e desde essa época vives sempre corado ex tempore. Com esse fogo e a espada ao lado, por que te puseste a correr? Que instinto te impeliu?

BARDOLFO (*mostrando o rosto*) — Milorde, vedes estes meteoros? Percebeis estas exalações?

PRÍNCIPE — Perfeitamente.

BARDOLFO — Que pensais que significam?

PRÍNCIPE — Fígado quente e bolsa fria.

BARDOLFO — Bile, milorde; bile, para o bom entendedor.

PRÍNCIPE — Não é isso; para o bom entendedor significa forca.

(*Volta Falstaff.*)

Aí vem o magro Jack, o nosso esqueleto. Então, meu doce boneco de assoprar, há quanto tempo não enxergas os teus próprios joelhos?

FALSTAFF — Os joelhos? Quando eu tinha a tua idade, Hal, era mais fino do que uma garra de águia; poderia esgueirar-me pelo anel de um vereador. Que a peste carregue suspiros e tristezas! E isso que faz a gente ficar que nem uma bexiga estufada. Correm notícias miseráveis. Quem esteve aí foi Sir John Bracy, a mandado de vosso pai; deveis apresentar-vos à corte pela manhã. Esse louco do norte, Percy, e o tal galense que deu uma sova em Amaimon, pôs cornos em Lúcifer e obrigou o diabo a jurar-lhe vassalagem sobre a cruz de uma alabarda galense... Como diabo lhe chamais?

POINS — Owen Glendower.

FALSTAFF — Owen, Owen, esse mesmo, e o seu genro Mortimer, e o velho Northumberland, e

o mais vivo escocês dos escoceses, Douglas, que sobe a cavalo por uma encosta a pique...

PRÍNCIPE — E a galope mata com um tiro de pistola um pardal em vôo.

FALSTAFF — Acertaste no alvo.

PRÍNCIPE — Como ele nunca o fez quanto ao pardal.

FALSTAFF — Sim, mas é um bandido de coragem; esse não há de fugir.

PRÍNCIPE — E por que então, desgraçado, o elogias por correr tão bem?

FALSTAFF — A cavalo, meu cuco, que a pé ele não dará um único passo.

PRÍNCIPE — É certo, Jack, por instinto.

FALSTAFF — De acordo, por instinto. Mas, como ia dizendo, esse também toma parte na coisa, e um tal Mordake, e mais um milheiro de gorros azuis. Worcester fugiu esta noite; a barba de teu pai branqueou com a notícia. As terras vão ficar ao preço de cavala podre.

PRÍNCIPE — E se tivermos um junho quente e demorar muito essa pancadaria civil, poderemos comprar virgindade como eles compram cravos para ferradura, aos centos.

FALSTAFF — Pela Santa Missa, rapaz, é isso mesmo! Não há dúvida, vamos fazer ótimos negócios nesse ramo. Mas dize-me uma coisa, Hal, não sentes um medo horrível? Sendo tu o herdeiro presuntivo, não irá o mundo obrigar-te a enfrentar três inimigos do porte desse endemoninhado Douglas, esse louco Percy e esse diabo Glendower? Não sentes um medo horrível? Teu sangue não congela?

PRÍNCIPE — Nada absolutamente, asseguro-te; falta-me um pouco do teu instinto.

FALSTAFF — Bem; mas amanhã vais ser repreendido de verdade, quando te apresentares diante de teu pai. Se me tens amor, prepara uma resposta.

PRÍNCIPE — Então faze o papel de meu pai e examina-me sobre particularidades de minha vida.

FALSTAFF — Verdade? Com muito gosto. Esta cadeira vai servir-me de trono; esta adaga de cetro e este coxim de coroa.

PRÍNCIPE — Teu trono passará por uma cadeira furada, o cetro de ouro, por uma adaga de chumbo e tua coroa preciosa e rica, por miserável tonsura.

FALSTAFF — Pouco importa; se não te encontrares inteiramente destituído do fogo da Graça, vais ficar abalado. Dá-me um copo de xerez, para que meus olhos fiquem vermelhos e pareça que chorei, pois disponho-me a falar com afogo e na veia do Rei Cambises.

(*Bebe.*)

PRÍNCIPE — Muito bem; eis aqui minha reverência.

FALSTAFF — E eis aqui meu discurso. Senhores nobres, ponde-vos de lado.

ESTALAJADEIRA — Oh Jesus! Excelente passatempo, não há que ver.

FALSTAFF — Não choreis, doce rainha, que pouco adiantam agora esses chorrilhos de lágrimas.

ESTALAJADEIRA — Santo Deus! Como ele se compenetra do papel!

FALSTAFF — Por Deus, senhores! Tirai daqui a minha triste rainha, que as lágrimas lhe obstruem as comportas dos olhos.

ESTALAJADEIRA — Interessante! Ele faz tal qual os cômicos indecentes que eu já vi representar.

FALSTAFF — Silêncio, dona caneca! Fique quieta, senhora cachaça! Harry, não me causam apenas admiração os lugares em que perdes o tempo, como a espécie de gente de que te cercas. Porque embora a camomila cresça tanto mais rapidamente quanto mais pisada for, a mocidade se consome na medida em que é devastada. Que és meu filho, convence-me em parte a palavra de tua mãe, em parte minha opinião pessoal, mas, principalmente, um maldito sestro que revelas nos olhos e essa maneira estúpida de deixar cair o lábio inferior. Sendo, pois, tu meu filho, bato no ponto: por que motivo, sendo tu meu filho, chegas a ser apontado desse modo? Deve, acaso, o bendito filho dos céus andar sem rumo pelos campos, a comer amoras? Eis uma pergunta que pode ser formulada. Deve o filho da Inglaterra proceder como qualquer ladrão e batedor de carteiras? Eis uma pergunta que deve ser apresentada. Existe uma coisa, Harry, de que já ouviste falar freqüentes vezes, e a que muitas pessoas de nossa terra dão o nome de pez; esse pez, conforme o afirmam escritores vetustos, costuma sujar: o mesmo se dá com a companhia que freqüentas. Porque, Harry, neste momento eu não te falo sob a influência da bebida, porém das lágrimas; não por prazer, mas indignado; não simplesmente com palavras, mas também com aflições. Contudo, há um homem virtuoso que eu

já vi em tua companhia, mas que não sei como se chama.

PRÍNCIPE — A que espécie de homem se refere Vossa Majestade?

FALSTAFF — A-la-fé, um indivíduo corpulento, de presença majestosa, semblante alegre, olhar prazenteiro e ademanes nobres, que poderá ter cinqüenta anos ou talvez mesmo já se abeire dos sessenta. Sim, agora me recordo: chama-se Falstaff. Se esse indivíduo for inclinado à devassidão, é que me iludiu redondamente, porque leio, Harry, virtude nos seus olhos. Se se conhece a árvore pelo fruto, como o fruto pela árvore, declaro peremptoriamente que há virtude nesse Falstaff. Liga-te a ele e desterra os demais. E agora me dize, lacaio mal-educado, por onde tens andado todo este mês.

PRÍNCIPE — Falas como rei? Põe-te no meu lugar, que eu vou fazer o papel de meu pai.

FALSTAFF — Depões-me? Se revelares na palavra e no gesto a metade, ao menos, da gravidade e da majestade de que dei mostras, pendura-me pelos pés como um coelho ou lebre na porta de um vendedor de aves.

PRÍNCIPE — Muito bem; sento-me aqui.

FALSTAFF — E aqui fico eu. Agora julgai, senhores.

PRÍNCIPE — Então, Harry, de onde vens?

FALSTAFF — De Eastcheap, meu nobre senhor.

PRÍNCIPE — São muito graves as queixas que ouço a teu respeito.

FALSTAFF — Com a breca, senhor, é tudo mentira. Longe disso; ides ver que maravilha de príncipe vou mostrar-vos.

PRÍNCIPE — Estás praguejando, mal-educado? De hoje em diante não levantes mais os olhos para mim. Encontraste muito desviado do caminho da salvação; há um demônio que te persegue sob a figura de um velho gordo. Tens por companheiro um tonel humano. Por que freqüentas esse baú de humores, essa tina de bestialidade, esse volume inchado de hidropisia, essa pipa monstruosa de xerez, essa maleta de intestinos, esse boi assado de Manningtree com o ventre recheado de pudim, esse vício reverendo, essa iniqüidade grisalha, esse padre alcoviteiro, essa vaidade encanecida? Para que presta ele, a não ser para provar xerez e bebê-lo? Em que se mostra puro e limpo, senão em trinchar um capão e devorá-lo? Em que consiste sua habilidade, a não ser na astúcia? ou sua astúcia,

afora as vilanias? Em que é ele vil, se o não for em todas as coisas? e em que louvável, se não em coisa nenhuma?

FALSTAFF — Desejara que Vossa Graça me permitisse acompanhá-lo: a quem Vossa Graça se refere?

PRÍNCIPE — A esse abominável canalha, corruptor da juventude, Falstaff, esse velho Satanás de barba branca.

FALSTAFF — Conheço o homem, milorde.

PRÍNCIPE — Sei perfeitamente que o conheces.

FALSTAFF — Mas dizer que reconheço nele mais defeitos do que em mim mesmo, será dizer mais do que sei. Que infelizmente é velho, provam-no seus cabelos brancos; mas que seja, com perdão de Vossa Reverência, libertino, nego-o de pés juntos. Se xerez e açúcar constituem falta, que Deus perdoe aos que erram; se é pecado ser velho e alegre, nesse caso estão condenados muitos hoteleiros do meu conhecimento; se a gordura provoca ódios, então louvemos as vacas magras de Faraó. Não, meu bom senhor, desterrai Peto, desterrai Bardolfo, desterrai Poins; mas quanto ao doce Jack Falstaff, o gentil Jack Falstaff, o verdadeiro Jack Falstaff, o valente Jack Falstaff, e tanto mais

valente por tratar-se do velho Jack Falstaff, esse não desterreis da companhia do teu Harry: desterrai o gordanchudo jack e tereis desterrado o mundo inteiro!

PRÍNCIPE — Fá-lo-ei; quero-o.

(*Ouvem-se batidas.*)

(*Saem a estalajadeira, Francis e Bardolfo.*)

(*Volta Bardolfo, a correr.*)

BARDOLFO — Oh milorde! milorde! acha-se à porta o xerife com uma patrulha monstro.

FALSTAFF — Fora daqui, maroto! Concluamos a peça; ainda tenho muito que dizer em defesa desse Falstaff.

(*Volta a estalajadeira.*)

ESTALAJADEIRA — Oh Jesus! Milorde! Milorde!

PRÍNCIPE — Eh! eh! O diabo cavalga um arco de violino. Que é que há?

ESTALAJADEIRA — Estão aí o xerife e a patrulha; vieram revistar a casa. Deixo-os entrar?

FALSTAFF — Estás ouvindo, Hal? Nunca digas que é falsa uma moeda de ouro verdadeira; tu és falso de verdade, sem que o pareças.

PRÍNCIPE — E tu, um covarde natural, sem instinto.

FALSTAFF — Nego a maior. Se não quiserdes receber o xerife, bem; caso contrário, deixai-o entrar. Se eu não fizer tão boa figura numa carreta como qualquer outro, que a peste leve a minha educação! Penso que uma corda me estrangulará tão depressa como aos outros.

PRÍNCIPE — Anda, esconde-te atrás da cortina; os demais subam. E agora, meus senhores, bom semblante e boa consciência.

FALSTAFF — Já tive ambos, mas isso já se foi; portanto, sumo daqui.

(*Saem todos, com exceção do príncipe e de Peto.*)

PRÍNCIPE — Fazei entrar o xerife.

(*Entram o xerife e um carreteiro.*)

Que desejais de mim, mestre xerife?

XERIFE — Primeiro, desculpar-me. O clamor público seguiu certas pessoas a esta casa.

PRÍNCIPE — Que espécie de pessoas?

XERIFE — Uma delas, meu príncipe, é bastante conhecida: um indivíduo grande e gordo.

CARRETEIRO — Gordo como manteiga.

PRÍNCIPE — Esse homem, podeis crer-me, aqui não se acha, pois eu mesmo lhe dei certa incumbência. E, xerife, eu te dou minha palavra que hei de enviá-lo amanhã depois do almoço para que ele responda em tua presença, ou de quem for, por quanto lhe atribuem. Podeis, pois, retirar-vos desta casa.

XERIFE — Pois não, milorde. Aí fora se acham dois senhores que perderam nesse roubo trezentos marcos.

PRÍNCIPE — Pode ser. No caso de os ter ele roubado, há de pagar-lhes o que lhes for devido. Passai bem.

XERIFE — Boa noite, bom senhor.

PRÍNCIPE — Penso que é já bom dia, não é mesmo?

XERIFE — E isso, senhor; são duas horas, creio.

(*Saem o xerife e o carreteiro.*)

PRÍNCIPE — Esse velhaco oleoso é tão conhecido quanto a igreja de São Paulo. Chama-o.

PETO — Falstaff! Adormeceu atrás da cortina e ronca como um cavalo.

PRÍNCIPE — Ouve como ele respira com dificuldade. Revista-lhe os bolsos.

(*Peto remexe nos bolsos de Falstaff.*)

Que encontraste?

PETO — Apenas alguns papéis, milorde.

PRÍNCIPE — Vejamos o que contêm. Lê.

PETO (*lê*) — Item: um capão, 2 xelins e 2 pences. Item: molho, 4. pences. Item: 2 galões de xerez, 5 xelins e 8 pences. Item: enchovas e xerez depois da ceia, 2 xelins e 6 pences. Item: pão, 1/2 pêni.

PRÍNCIPE — Oh monstro! Apenas meio pêni de pão para toda essa quantidade de xerez! Guarda o resto, para examinarmos mais de espaço. Deixa que durma até clarear. Irei à corte pela manhã. Todos teremos de ir para a guerra; esse velhaco obeso obterá um posto honroso. Vou arranjar-lhe um lugar na infantaria, por saber que uma caminhada de cem passos liquidará com ele. O dinheiro vai ser restituído com juros. Vem ter comigo pela manhã. E com isso, bom dia, Peto.

PETO — Bom dia, meu bom senhor.

(*Saem.*)

ATO III

CENA I

Bangor. Um quarto na casa do arcediago. Entram Hotspur, Worcester, Mortimer e Glendower.

MORTIMER — Brilhantes, as promessas; as pessoas, seguras; o começo é esperançoso.

HOTSPUR — Lorde Mortimer, e vós, primo Glendower, não resolveis sentar-vos? Tio Worcester... Que a peste leve tudo! Esqueci-me do mapa.

GLENDOWER — Aqui está ele. Sentai-vos, primo Percy, caro Hotspur, pois sempre que Lencastre vos nomeia desse modo, suspira e empalidece, desejando poder ver-vos no céu.

HOTSPUR — E a vós no inferno, sempre que ouve falar em Owen Glendower.

GLENDOWER — Não posso censurá-lo, que no dia em que eu nasci, cobriu-se o céu de estranhas figuras e de tochas incendiadas. Na

hora em que eu vim à luz, os fundamentos e a estrutura da terra, só de medo, puseram-se a tremer.

HOTSPUR — O mesmo se teria dado, se naquela hora a gata pertencente a vossa mãe houvesse tido gatinhos e se nunca houvésseis nascido.

GLENDOWER — Quando eu nasci, tremeu a terra. Disse!

HOTSPUR — Pois eu digo que a terra não pensava como eu, se imaginais que o fez de medo.

GLENDOWER — O céu, em fogo; a terra a tremer toda.

HOTSPUR — Vendo em chamas o céu, tremeu a terra, não por causa do vosso nascimento. Padece a natureza muitas vezes de estranhas erupções. A terra grávida freqüentemente sofre de uma espécie de cólica, dos ventos irrefreáveis dentro em seu seio, que sair tentando, a boa terra abalam, e derrubam campanários e torres com seus musgos. Quando nascestes, nossa avó se achava com essa indisposição; daí tremer.

GLENDOWER — Primo, de poucos homens eu suporto contradizerem-me. De novo digo que no instante em que eu vi a luz do dia, o céu ficou

coberto de figuras fulgurantes; as cabras se atiravam dos montes e os rebanhos não cessavam de atroar as planícies espantadas. Tais sinais inculcavam coisas grandes. Toda a minha existência é a melhor prova de que escapo do rol dos homens baixos. Onde se acha o mortal, em todo o vasto recinto da Inglaterra, Escócia e Gales, que o mar circunda, que chamar-me possa de aluno, ou que me tenha ensinado algo? Um filho de mulher mostrai-me, ao menos, que me tenha assistido na senda áspera das artes, ou comigo cooperado em quaisquer transcendentes experiências.

HOTSPUR — Melhor galês, decerto, ninguém fala. Vou jantar.

MORTIMER — Calma, primo! Com isso o deixais louco.

GLENDOWER — Posso evocar espíritos do abismo.

HOTSPUR — Isso, até eu, e assim qualquer pessoa; mas eles vêm, no caso de os chamardes?

GLENDOWER — Posso ensinar-te, primo, a ter domínio sobre o diabo.

HOTSPUR — Como eu, primo, também posso ensinar-te a zombar do demônio com a verdade: fala a verdade e zomba do demônio. Se podes

evocá-lo, põe-no aqui, que eu me incumbo, depois, de zombar dele. Falai sempre a verdade, para rirdes do demônio.

MORTIMER — Já basta. Vinde! Vinde! Parai com essa conversa sem proveito.

GLENDOWER — Henrique Bolingbroke por três vezes desafiou meu poder; por outras tantas, desde as margens do Wye e do arenoso Severne o fiz voltar para a Inglaterra descalço e sob os golpes do mau-tempo.

HOTSPUR — Para casa, descalço e exposto à chuva! E como conseguiu evitar febres?

GLENDOWER — Eis o mapa. Ora vede: partiremos nossos domínios ao sabor de nossa tríplice convenção?

MORTIMER — Já o arcediago dividiu tudo em partes muito iguais: a Inglaterra, do Trento e do Severne por leste e sul até este ponto, é minha; tudo o que fica a oeste do Severne, Gales e as terras férteis deste espaço, para Owen Glendower; tudo o mais que sobra para o norte do Trento, caro primo, vos coube por quinhão. Já se acham prontos nossos contratos tripartidos; falta selá-los alternadamente, coisa que poderá ser feita ainda esta noite. E amanhã, primo Percy, iremos ambos, juntos com o meu bondoso Lorde de Worcester, ao vosso pai juntar-nos e aos soldados

escoceses, conforme o combinado, em Shrewsbury. Meu pai Glendower ainda não está pronto; aliás não precisamos de seus homens por toda esta quinzena. (*A Glendower*) — Aproveitai esse ínterim reunindo vossos arrendatários e afeiçoados, bem como os cavalheiros da região.

GLENDOWER — Em menos tempo estarei lá, senhores, levando em minha companhia vossas esposas. Ora cumpre que vos vades sem que vos despeçais, que é certo termos um dilúvio de lágrimas no instante em que delas quiserdes separar-vos.

HOTSPUR — Vejo que a minha parte, aqui de Burton para o norte, é menor que as outras duas. Notai como este rio vem serpeando, e corta do melhor de minhas terras este enorme pedaço em meia-lua. Vou fazer neste ponto uma barragem; em novo leito o claro e alegre Trento correrá suavemente e sem tropeços. Não mais continuará dando essas voltas para roubar-me terras tão valiosas.

GLENDOWER — Não dará mais? Bem vedes que é preciso.

MORTIMER — Notai, contudo, como ele aqui prossegue e me desfalca com igual desvantagem deste lado, mutilando no oposto continente tanto quanto vos tira naquele outro.

WORCESTER — Com bem pouca despesa o cortaríamos aqui, lucrando ao norte esta saliência: desta arte correrá sem mais obstáculos.

HOTSPUR — É o que eu reclamo; o gasto é pouca coisa.

GLENDOWER — Não quero alterações.

HOTSPUR — Ah! não quereis?

GLENDOWER — Nem na fareis.

HOTSPUR — E quem mo impedirá?

GLENDOWER — Eu, sem dúvida.

HOTSPUR — Então arranjai modo de eu não vos entender; falai galês.

GLENDOWER — Posso falar, milorde, inglês tão puro quanto vós, porque fui criado na corte da Inglaterra, onde moço ainda, compunha cantigas em inglês, para harpa, dando modulações benéficas à língua, virtude que jamais em vós se há visto.

HOTSPUR — De todo o coração me alegro com isso; preferira ser gato e miar sem pausa, a ser compositor de tais baladas; gosto mais do ringir desses candeeiros de cobre e do eixo seco de uma roda. Nada aos dentes me faz tanta gastura, como ouvir recitar uma poesia

pretensiosa: é tal qual o falso trote de um cavalo que raspa o chão com o casco.

GLENDOWER — Basta! basta! Podeis desviar o Trento.

HOTSPUR — Não faço caso; em terra, isso, três vezes eu daria a qualquer amigo certo; mas em negócios, tomai nota, eu brigo pela novena parte de um cabelo. Já estão passados os contratos? Vamo-nos?

GLENDOWER — Faz belo luar; podeis partir de noite. Vou apressar o escrevente e, ao mesmo tempo, dar a vossas esposas a notícia.

Temo se torne louca minha filha, de tal modo é apegada ao seu esposo.

(*Sai.*)

MORTIMER — Como tratais meu pai, Percy! Que coisa!

HOTSPUR — Não está em mim; amiúde me exaspera falando da toupeira e da formiga, do encantador Merlin, de profecias, peixes sem barbatana, dragos, grifos de asas cortadas, corvos, quando em muda, de um leão deitado, um gato rastejante, e não sei mais que coisas que me põem fora do siso. Digo mais: na noite passada ele prendeu-me umas nove horas a enumerar os nomes dos demônios que o servem. Eu dizia:

Hum! Adiante! sem prestar atenção. É mais cacete do que mulher colérica ou cavalo cansado, muito pior do que uma casa cheia de fumo. Fora preferível viver à parte num moinho, apenas de queijo e de alho, a ser rico de tudo, tendo de suportá-lo, em qualquer casa luxuosa de verão da Cristandade.

MORTIMER — Digo que é um gentil-homem de valor, muito lido e senhor de extraordinários segredos, tão valente como um leão, afável como poucos, generoso como as minas das Índias. Acho, primo, que ele tem vosso gênio em grande apreço, pois domina sua própria natureza, quando o contraditais. Certo: domina-se. Juro-vos que não há viva alma alguma que, como o tendes feito, o provocasse, sem incorrer no risco da resposta. Sede mais cauteloso, é o que eu vos peço.

WORCESTER — Sois passível, milorde, de censura. Desde que aqui chegastes, fazeis tudo para que ele a paciência a perder venha. Urge desse defeito corrigir-vos; pois embora, por vezes, seja prova de coragem, grandeza, sangue nobre — o que de mais gracioso vos confere — amiúde é sinal de ímpeto colérico, ausência de domínio, de cordura, presunção, altivez, desdém e orgulho. O menor deles num fidalgo basta para alienar os corações e deixa mácula na beleza das virtudes, tirando-lhes o mérito inerente.

HOTSPUR — Muito bem; aprendi; sede bonzinhos. Aí vêm nossas esposas; despeçamo-nos.

(*Volta Glendower com Lady Percy e Lady Mortimer.*)

MORTIMER — Mortal contrariedade! Minha esposa não fala inglês, nem eu galês entendo.

GLENDOWER — Chora porque vos ides sem levá-la; deseja ser soldado e ir para a guerra.

MORTIMER — Bondoso pai, dizei-lhe que ela e a tia Percy irão ter conosco brevemente, sob vossa proteção.

(*Glendower fala em galês com Lady Mortimer, e esta lhe responde na mesma língua.*)

GLENDOWER — Ela está desesperada; é uma bichinha teimosa e cabeçuda, que não atende a coisa alguma.

(*Lady Mortimer fala a Mortimer em galês.*)

MORTIMER — Compreendo teus olhares; o adorável galês que me despejas desses túmidos céus, conheço-o bem; não fora o pejo, no mesmo linguajar te respondera.

(*Lady Mortimer torna a falar em galês.*)

Teus beijos, os compreendo; os meus, entendes: eis tudo para um diálogo sensível. Mas não descansarei, querida, enquanto não houver aprendido teu idioma, pois tua língua o galês deixa tão doce quanto suaves canções que uma rainha num bosque de verão canta com meigas modulações ao toque do alaúde.

GLENDOWER — Bali! Se vos derreteis, ela enlouquece.

(*Lady Mortimer torna a falar.*)

MORTIMER — Sou a própria ignorância nessa língua.

GLENDOWER — Pede que vos deiteis nos juncos leves e a cabeça pouseis em seu regaço, que ela vos cantará quanto quiserdes, o deus do sono aos olhos fará vir-vos e vos encantará em deliciosa languidez, separando da vigília o sono de tal forma, como se acha da noite o dia, na hora em que a divina parelha o áureo percurso a este começa.

MORTIMER — De todo coração desejo ouvi-la, enquanto, é de supor, a ata se apronta.

GLENDOWER — Fazei-o; os músicos que devem deleitar-vos a mil léguas daqui, no ar, ainda se acham; não tardarão a vir; sentai-vos logo para escutá-los.

HOTSPUR — Vem, Kate, para aqui; em questão de deitar, tu és mestra. Vamos! Depressa! depressa! para que eu recoste a cabeça em teu regaço.

LADY PERCY — Vamos, ganso estouvado.

(*Glendower fala algumas palavras em galês, e logo se ouve música.*)

HOTSPUR — Vejo agora que o diabo entende galês; não admira que seja tão caprichoso. É certo: ótimo músico!

LADY PERCY — Nesse caso deveríeis ser excelente músico, por serdes governado por caprichos. Mas ficai quieto, celerado, e escutai a lady cantar em galês.

HOTSPUR — Preferira ouvir minha cachorra Lady uivar em irlandês.

LADY PERCY — Queres que te parta a cabeça?

HOTSPUR — Não.

LADY PERCY — Então fica quieto.

HOTSPUR — Também não; é defeito das mulheres.

LADY PERCY — Que Deus te guie.

HOTSPUR — Para a cama da dama galesa.

LADY PERCY — Que foi que dissestes?

HOTSPUR — Caluda! Ela está cantando.

(*Lady Mortimer canta um romance galês.*)

HOTSPUR — Kate, desejo ouvir também vossa canção.

LADY PERCY — Eu não canto; palavra de honra.

HOTSPUR — Palavra de honra! Meu coração, jurais tal qual mulher de confeiteiro. “Eu não canto, palavra de honra!” e: “Tão certo como estar viva!” e: “Deus que me perdoe!” e: “Por esta luz do dia!” em tanta seda as juras envolvendo, como se teus passeios não chegassem adiante de Finsbury. Kate, faze-me um juramento como a dama que és, com a boca cheia, e deixa as tais palavras de honra e esses protestos de confeitos para essa gente em trajes de veludo, que passeia aos domingos. Vamos, canta.

LADY PERCY — Não quero cantar.

HOTSPUR — Não há como isso para fazer passar por alfaiate ou educador de pássaros. Se os contratos já estiverem prontos, partirei dentro de duas horas. Portanto, vinde quando quiserdes.

(*Sai.*)

GLENDOWER — Lorde Mortimer, vinde; sois tão lento para partir quanto é fogoso Percy no ardor em que se agita. Já estão prontos os contratos; agora, é só selá-los e montar a cavalo in continenti.

MORTIMER — De todo coração.

(*Saem.*)

CENA II

Londres. Um quarto no palácio. Entram o Rei Henrique, o príncipe e lordes.

REI HENRIQUE — Deixai-nos, lordes, que eu preciso agora falar com o príncipe de Gales. Mas não vades para longe, que teremos, breve, necessidade de vós todos.

(*Saem os lordes.*)

Não sei se Deus assim quis que se desse em seu desígnio oculto, por alguma falta de minha parte, que a um só tempo me nascesse do sangue a pena e o açoite. Mas em todo o decurso de tua vida fazes-me crer que estás assinalado para a vingança ardente e atroz vergasta de minhas transgressões. Se não, responde, como paixões tão baixas e selvagens, ações de tal vileza, impuras e ínfimas, tão estéreis prazeres, sociedade tão soez como aquela que freqüentas, a nobreza do sangue te acompanham e ao teu sentir de príncipe se igualam?

PRÍNCIPE — Se Vossa Majestade consentisse, desejara poder justificar-me de minhas faltas todas como tenho certeza de apagar muitas de quantas se me atribuem. Por isso vos imploro que depois de eu destruir muitas das fábulas que chegam ao ouvido da grandeza por vis novidadeiros e risonhos bajuladores, venha a ser perdoado graças à confissão de alguns deslizes que não nego e em que a minha mocidade mal dirigida e irregular, se tenha porventura extraviado.

REI HENRIQUE — Deus te perdoe. Contudo, Henrique, admiro-me de tuas afeições, que em direção contrária o vôo soltam à de todos os teus antepassados. Já perdeste teu lugar no Conselho, ora ocupado por teu irmão mais moço, e te tornaste estranho a toda a corte e mesmo aos príncipes de meu sangue; a esperança e expectativa de teu futuro se acham arruinadas, não havendo ninguém que na alma deixe de prever tua queda inevitável. Se eu houvesse também malbaratado minha presença servilmente, expondo-me aos olhares dos homens, por vender-me tão barato à vulgar gente do povo, a opinião, que me fez subir ao trono, fiel teria ficado ao rei legítimo, deixando-me em desterro desonroso como homem sem valor e sem futuro. Mas, sendo pouco visto, despertava admiração, como os cometas, sempre que me mexia. Aos filhos uns diziam: É aquele! E outros:

Qual deles? onde se acha Bolingbroke? E eu, nessa hora, arrebatava do céu as homenagens e vestia-me com tamanha humildade, que obediência do coração de todos recolhia, e das bocas os vivas e os saudares, té mesmo quando junto ao rei coroado. Desta arte conservei-me intacto e novo: minha presença, como vestimenta pontifical, causava sempre assombro por sua raridade: deste modo minha passagem, rara, mas suntuosa, quase sempre uma festa parecia; a própria raridade lhe emprestava tal caráter solene. O rei estróina com bufões deambulava e com essa gente de cabeça de palha que se extingue mal começa a acender; malbaratava seu estado, manchando a realeza com saltimbancos; seu augusto nome com sarcasmos insulsos profanava, consentindo, a despeito de quem era, em aplaudir motejos de seus pajens e a ser alvo, até, de ínfimas pilhérias de qualquer peralvilho desbarbado. Tornou-se familiar das vias públicas e se deu como feudo ao populacho, que, por vê-lo a toda hora e sem medida, desse mel se fartaram, começando a mostrar repugnância até à doçura, que, um pouco mais de nada, é já excessiva. Por isso, quando acaso se mostrava, era tal qual o cuco em mês de junho: ouvido; não notado; visto apenas por olhos fatigados pelo abuso, não mais afeitos à visão mirífica do sol da majestade, que mui raras vezes cai sob as vistas extasiadas, olhos adormecidos, cujas pálpebras caiam diante

dele como soem homens sombrios frente aos inimigos de presença enjoativa e fatigante. Nesse mesmo caminho, Harry, te encontras, após teres perdido os privilégios de tua posição com tais comparsas. Todos os olhos se acham fatigados de teu banal aspecto, com exceção dos meus, que mais e mais mirar-te anseiam, e que ora, a meu malgrado ficam cegos por este absurdo excesso de ternura.

PRÍNCIPE — De futuro, senhor, hei de mostrar-me mais digno de mim mesmo.

REI HENRIQUE — Exatamente como és agora era Ricardo, quando vim de França e saltei em Ravenspurgh, e como eu, nesse tempo, é Percy agora. Pelo meu cetro e por minha alma, Percy se mostra muito mais digno do trono do que tu que és herdeiro só de nome, pois sem sombra sequer de algum direito cobre os campos do reino com soldados, afronta a goela do leão sanhudo, e sem dever aos anos mais que tu, guia lordes antigos e prelados reverendos a pugnas sanguinosas e combates mortais. Que excelsa glória ganhou vencendo o tão famigerado Douglas, cujas façanhas, atrevidas incursões e o alto nome, entre os soldados por grande maioria lhe asseguram o título de chefe incontestado onde quer se acate a lei de Cristo! Por três vezes Hotspur, esse guerreiro na infância, Marte em cueiros, pode o grande Douglas desbaratar; numa

das vezes o aprisionou, deixando-o livre após; fez-se-lhe amigo, para encher a boca do desafio, e a paz e a segurança do nosso trono, assim, pôr em perigo. Que dizes a tudo isso? Percy, Mortimer, Douglas, Northumberland, mais o arcebispo de York contra nós se levantaram. Mas por que revelar-te essas notícias? Por que falar-te, Henrique, de adversários, se és meu maior inimigo e o mais querido? És bem capaz, talvez, por servil medo, baixo pendor, ou mesmo algum capricho, de lutar contra mim sob o alto Percy, seguir-lhe como um cão todos os passos e agachar-te a seus gritos, tão-somente para que todos vejam quanto e quanto de mim degeneraste.

PRÍNCIPE — Não, tal não se dará; não penseis nisso. Que Deus perdoe a quantos a afeição de Vossa Majestade me desviaram. Na cabeça de Percy hei de tudo isso redimir, e, depois de uma jornada gloriosa, quero ter, alfim, o orgulho de poder declarar-me vosso filho, quando vestes trajar tintas de sangue, e, de sangue, no rosto trouxer máscara, que, lavada, a vergonha há de limpar-me. Será no dia, pouco importa quando, em que esse filho da Honra e da Fortuna, o galante Hotspur, o mui louvado cavaleiro, e o vosso Harry já esquecido derem de se encontrar. Que as honras todas que no elmo ostenta, em número crescessem, redobrando as vergonhas que me pesam sobre a cabeça! Há de

vir tempo, afirmo-o, em que esse herói do norte suas proezas trocará pelas minhas ignomínias. Percy, senhor, é apenas um preposto que guarda, para mim, seus altos feitos; mas hei de pedir contas tão severas, que ele há de restituir-me as glórias todas, até o menor louvor, ou, do contrário, com a conta o coração hei de arrancar-lhe. Isso em nome de Deus aqui vos juro, e se Ele consentir que o leve a cabo, suplico a Vossa Majestade queira pensar essas feridas de meus vícios; senão, visto partir a Morte os vínculos, passar por cem mil mortes eu prefiro, a quebrar desta jura a menor parte.

REI HENRIQUE — Cem mil rebeldes morrem com esta jura. Terás pleno poder e inteiro apoio.

(*Entra Sir Walter Blunt.*)

Bondoso Blunt, a pressa tens nos olhos.

BLUNT — E no assunto, também, que aqui me trouxe. Lorde Mortimer manda-nos da Escócia a notícia do encontro dos rebeldes ingleses e de Douglas no dia onze deste mês, em Shrewsbury. Mais temível e poderosa força — se as promessas feitas de parte a parte se cumprirem — jamais causou no Estado tal distúrbio.

REI HENRIQUE — O conde de Westmoreland partiu hoje com Lorde de Lencastre, meu filho; o aviso viera, há cinco dias. Seguirás quarta-feira

próxima, Harry; marcharemos na quinta; nosso encontro se dará em Bridgeworth. Deves, Harry, cortar Gloucestershire. Desse modo, dentro de doze dias, por meu cálculo, é certo nos juntarmos em Bridgeworth. Há muito por fazer; vai, que eu te sigo; nossa demora é a vida do inimigo.

(*Saem.*)

CENA III

Eastcheap. Um quarto na taberna "Cabeça de Javali". Entram Falstaff e Bardolfo.

FALSTAFF — Bardolfo, não achas que eu decaí vergonhosamente depois desse último feito? Não estou menor? Não estou desaparecendo? Vê como a minha pele está pendurada, tal qual roupa de velha; encontro-me tão murcho que nem maçã cozida. Vou cuidar do arrependimento, enquanto me restam algumas carnes; dentro de pouco tempo, com o desânimo, me faltará energia para tanto. Se eu já não me esqueci de como é feito o interior de uma igreja, quero ser grão de pimenta ou cavalo de cervejeiro. O interior de uma igreja! As companhias, as más companhias é que foram a minha perdição.

BARDOLFO — Sir John, andais tão irritado que não podeis viver muito tempo.

FALSTAFF — Sim, é isso; canta-me algo obsceno, para alegrar-me. Eu era dotado da virtude necessária para um cavalheiro; sim, bastante virtuoso: blasfemava pouco, não jogava

mais de sete vezes por semana, não entrava em casas suspeitas mais de uma vez em cada quarto... de hora, paguei três ou quatro dívidas, vivia bem e sempre com muita medida. E agora, vivo sem ordem alguma e fora de toda medida.

BARDOLFO — Sois tão gordo, Sir John, que necessitais andar fora de toda medida, de toda medida razoável, Sir John.

FALSTAFF — Reforma primeiro tua cara, que eu reformarei minha vida. Es o nosso almirante; trazes a lanterna na popa, isto é, pendente do nariz: és o cavaleiro da lâmpada ardente.

BARDOLFO — Ora, Sir John, minha cara não vos faz nenhum mal.

FALSTAFF — É certo, posso jurá-lo; tiro dela o mesmo proveito que para algumas pessoas tem um crânio ou um memento mori; sempre que olho para o teu rosto, me lembro do fogo do inferno e do rico que vivia na púrpura; ali está ele, de fato, com suas vestes, ardendo, ardendo. Se revelasses um resquício de virtude, eu juraria pelo teu rosto da seguinte maneira: Por este fogo divino! Mas estás perdido de todo; a não ser pela luz que irradias do rosto, poderias ser considerado filho das trevas. Quando subias Gadshill, a correr, de noite, para pegar o meu cavalo, se eu não te tomei por um ignis fatuus ou uma bola de fogo de artifício, então o dinheiro já

não tem valor. És um triunfo perpétuo, uma fogueira perene. Já me poupaste uns mil marcos de cirios e tochas, por andares comigo de taberna em taberna, mas o xerez que me chupaste daria para comprar luz do mais careiro fabricante de vela de toda a Europa. Há trinta e dois anos que eu alimento o fogo dessa salamandra. Que Deus me recompense por isso.

BARDOLFO — Com todos os demônios! Quisera que meu rosto estivesse em vossa barriga!

FALSTAFF — Misericórdia! Só assim eu morreria de azia.

(*Entra Mistress Quickly*.)

Então, dona Galinha Partlet, a senhora já verificou quem me esvaziou os bolsos?

ESTALAJADEIRA — Ora, Sir. John! Que estais pensando, Sir John? Imaginais, porventura, que em minha casa eu dou abrigo a ladrões? Procurei por tudo; eu e meu marido interrogamos homem por homem, menino por menino, criado por criado. Em minha casa nunca ninguém perdeu a décima parte de um cabelo.

FALSTAFF — Estais mentindo, estalajadeira; Bardolfo fez-se barbear aqui e perdeu muito

cabelo. Juro que me limparam os bolsos. Ide embora; não passais de uma mulher; ide.

ESTALAJADEIRA — Quem? Eu? Quanto a isso, eu te desafio. Pela luz divina, até hoje nunca fui tratada desse jeito em minha casa.

FALSTAFF — Ide-vos logo; conheço-vos muito bem.

ESTALAJADEIRA — Não, Sir John; não me conheceis, Sir John; eu, sim, é que vos conheço, Sir John; deveis-me dinheiro, Sir John, e agora armais essa briga, para ver se eu me esqueço disso. Comprei uma dúzia de camisas para cobrir-vos as costas.

FALSTAFF — Grosseira linhagem, sem nenhum valor! Dei-as a umas padeiras, para que fizessem peneiras delas.

ESTALAJADEIRA — Isso agora! Tão certo como eu ser uma mulher honesta, as camisas eram de holanda de oito xelins a vara. Além disso, Sir John, deveis-me refeições, bebidas extraordinárias e ainda dinheiro emprestado, num total de vinte e quatro libras.

FALSTAFF — Aqui está quem também tomou parte nisso; ele que pague.

ESTALAJADEIRA — Esse coitado? É pobre; não tem coisa nenhuma.

FALSTAFF — Pobre? Vede-lhe o rosto. A que dais o nome de rico? Ele que mande cunhar o nariz e as bochechas. Não pagarei um centavo. Tomais-me por um mocinho inexperiente; não posso repousar na hospedaria que freqüento, sem que me revistem os bolsos? Tiraram-me o anel que foi de meu avô, e que valia quarenta marcos.

ESTALAJADEIRA — Jesus do céu! Já ouvi o príncipe dizer não sei quantas vezes que esse anel era de cobre.

FALSTAFF — Como!? O príncipe é um João-ninguém, um palhaço. Se ele estivesse aqui e me dissesse isso, eu o espancaria como a um cão.

(*Entram o príncipe e Poins, marchando; Falstaff lhes sai ao encontro, usando do bastão como de flauta.*)

FALSTAFF — Que há de novo, rapaz? Sopram os ventos aqui pelo quarto? Teremos de seguir, também?

BARDOLFO — Que dúvida! Dois a dois, à moda de Newgate.

ESTALAJADEIRA — Milorde, por obséquio, ouvi-me.

PRÍNCIPE — Que é que há, Mistress Quickly? Como vai passando o teu marido? Quero-lhe muito bem; é um homem honesto.

ESTALAJADEIRA — Meu bom senhor, ouvi-me.

FALSTAFF — Manda-a embora e escuta-me.

PRÍNCIPE — Que estás a dizer, Jack?

FALSTAFF — Roubaram-me aqui a noite passada, quando eu adormeci atrás da cortina. Esta casa está ficando com muito má fama; revistam o bolso da gente.

PRÍNCIPE — E que perdeste, Jack?

FALSTAFF — .Acreditar-me-ás, Hal? Três ou quatro cédulas de quarenta libras e um anel que foi de meu avô.

PRÍNCIPE — Uma frioleira! Quando muito poderia valer oito pences.

ESTALAJADEIRA — Foi o que lhe disse, milorde, acrescentando que ouvira isso de Vossa Graça. Milorde, ele fala de vós em termos muito baixos, como desbocado que é; afirmou que havia de espancar-vos.

PRÍNCIPE — Como!? Não é possível.

ESTALAJADEIRA — Se não o disse, quero que não haja em mim nem fé, nem verdade, nem sexo.

FALSTAFF — Não há mais fé em ti do que em uma maçã cozida, nem mais verdade do que em uma raposa arrancada da toca. Quanto ao sexo, a donzela Mariana se prestaria muito melhor do que tu para mulher de um inspetor de quarteirão. Sai daí, coisa!

ESTALAJADEIRA — Como coisa? Dizei: que coisa?

FALSTAFF — Que coisa? Ora, um genuflexório.

ESTALAJADEIRA — Eu não sou nenhum genuflexório, é bom que o saibas; sou mulher de um homem de bem; ao passo que tu, se pusermos de parte a tua condição de cavaleiro, és um grande maroto por me dares esse nome.

FALSTAFF — E se pusermos de parte a tua condição de mulher, és um bicho por dizeres o contrário.

ESTALAJADEIRA — Como bicho, velhaco? Que espécie de bicho?

FALSTAFF — Que espécie? Ora, uma lontra.

PRÍNCIPE — Uma lontra, Sir John? Por que uma lontra?

FALSTAFF — Por quê? Por não ser nem carne nem peixe; a gente não sabe por onde pegá-la.

ESTALAJADEIRA — És injusto falando por esse modo; como todo o mundo, sabes muito bem por onde pegar-me. Velhaco!

PRÍNCIPE — Tens razão, estalajadeira; ele te calunia grosseiramente.

ESTALAJADEIRA — E a vós também, milorde; ainda outro dia ele disse que lhe deveis mil libras.

PRÍNCIPE — Miserável! Eu vos devo mil libras?

FALSTAFF — Mil libras, Hal? Um milhão! Teu amor vale um milhão. Deves-me o teu amor.

ESTALAJADEIRA — Fez mais, milorde; chamou-vos de João-ninguém e prometeu espancar-vos.

FALSTAFF — Eu disse isso, Bardolfo?

BARDOLFO — Em verdade, Sir John, vós o dissestes.

FALSTAFF — Sim, não o nego, no caso de dizer ele que o meu anel era de cobre.

PRÍNCIPE — Pois repito que é de cobre; atreves-te agora a fazer o que prometeste?

FALSTAFF — Bem sabes, Hal: considerando que és apenas homem, atrever-me-ia; mas na

qualidade de príncipe, temo-te como ao rugido de um filhote de leão.

PRÍNCIPE — E por que não o leão?

FALSTAFF — O rei é que é para ser temido como um leão; pensas, então, que eu tenho tanto medo de ti como de teu pai? Se for o caso, peço a Deus que o meu cinturão arrebente.

PRÍNCIPE — Oh! Se tal acontecesse, as tripas viriam bater-te nos joelhos. Grande patife, em teu corpo não há lugar nem para a fé, nem para a verdade, nem para a honestidade: só contém intestinos e diafragma. Acusar uma mulher honesta de esvaziar-te os bolsos! Velhaco estufado e sem vergonha, se em teus bolsos havia mais do que contas de taberna, endereços de casas de má fama e um miserável torrão de açúcar do valor de um pêni, para dar-te um pouco mais de fôlego; se teus bolsos continham outras riquezas, além dessas porcarias, quero ser um vilão chapado. E ainda vos obstinais, sem quererdes embolsar um desmentido! Não tens vergonha?

FALSTAFF — Escuta, Hal; bem sabes que Adão pecou no estado de inocência. Que poderia fazer o pobre Jack Falstaff nesta época de corrupção? Bem vês que tenho mais carne do que ninguém e, conseguintemente, mais fragilidade. Confessais, então, que me esvaziastes os bolsos?

PRÍNCIPE — E o que se conclui da história.

FALSTAFF — Eu te perdôo, estalajadeira. Vai logo aprontar o almoço; ama a teu marido, vigia os criados, cuida dos hóspedes; sempre me encontrarás disposto a acatar razões honestas. Como vês, já me acalmei. Vai, não recomeces; vai embora, por favor.

(*Sai Mistress Quickly*.)

E agora, Hal, as notícias da corte: em que deu a questão do assalto?

PRÍNCIPE — Ó meu suculento rosbife! Continuo sendo o teu anjo da guarda: o dinheiro foi restituído.

FALSTAFF — Não me agrada isso de restituir dinheiro: é trabalho dobrado.

PRÍNCIPE — Eu e meu pai, agora, somos amigos; posso fazer o que quiser.

FALSTAFF — Então começa roubando o tesouro real, e o faze sem lavar as mãos.

BARDOLFO — Isso mesmo, milorde.

PRÍNCIPE — Jack, arranjei-te um posto na infantaria.

FALSTAFF — Ficaria mais satisfeito com cavalaria. Onde poderei achar quem saiba roubar

com perfeição? Oh! um bom ladrão de seus vinte e dois anos! Estou inteiramente desprevenido. Deus seja louvado por causa desses rebeldes; só fazem mal aos virtuosos; eu, de mim, os aprecio e aplaudo.

PRÍNCIPE — Bardolfo!

BARDOLFO — Milorde?

PRÍNCIPE — Leva esta carta a meu irmão João, João de Lencastre; dá esta a milorde de Westmoreland. Vamos, Poins; a cavalo, que até à hora do jantar precisamos ter vencido trinta milhas de chão. Jack, procura-me amanhã em Temple-Hall, pelas duas horas. Ficarás conhecendo tuas funções, e, com dinheiro, ser-te-ão dadas ordens para equipar teus homens.

A terra queima; Percy está nos cimos; eles ou nós a sorte decidimos.

(*Saem o príncipe, Poins e Bardolfo.*)

FALSTAFF — Bela frase! Que mundo! O almoço, flor! Fizesse eu da taberna o meu tambor!

(*Sai.*)

ATO IV

CENA I

O campo dos rebeldes, perto de Shrewsbury: Entram Hotspur, Worcester e Douglas.

HOTSPUR — Belo, nobre escocês! Se falar franco neste mundo sutil não fosse o mesmo que adulação, tais elogios Douglas ora receberia, que o mais bravo soldado destes tempos não correra com mais fama por todo o vasto mundo. Por Deus! não sei fingir; desprezo as línguas desses aduladores; mas é certo que em minha alma ninguém mais alto posto reclama do que vós. Ponde-me à prova, milorde; segurai-vos do que eu digo.

DOUGLAS — Es o rei da honra; não há ninguém tão forte sobre a terra que eu não reptasse.

HOTSPUR — A mim; é bom que o faças.

(*Entra um mensageiro, com cartas.*)

Que trazes tu?

(*A Douglas.*)

Só posso agradecer-vos.

MENSAGEIRO — Cartas de vosso pai.

HOTSPUR — De sua parte! Por que causa não veio ele em pessoa?

MENSAGEIRO — Não pode vir, milorde; está doente.

HOTSPUR — Com os demônios! Como acha ele ocasião de adoecer em tal tempo? E suas tropas, quem as conduz? Quem marcha à frente delas?

MENSAGEIRO — Suas cartas o dirão; não eu, milorde.

WORCESTER — Informa-me uma coisa: está de cama?

MENSAGEIRO — Sim, milorde, fazia quatro dias; e no instante de minha despedida os médicos se achavam muito inquietos.

WORCESTER — Desejara que as coisas melhorassem primeiro, antes que a doença o visitasse. Jamais seu bem-estar valeu como hoje.

HOTSPUR — Adoecer agora! Perder forças! Essa doença infecciona os próprios estos de nosso empreendimento; seus efeitos se estenderão por todo o nosso campo. Escreve-me que é interna a enfermidade, que não pode apressar os partidários por meio de recados, pois receava semelhante missão, tão perigosa quão prezada, confiar fosse a quem fosse. Contudo, nos envia o audaz conselho de avançarmos com as nossas fracas forças para ver se a Fortuna está conosco, pois, escreve, recuar é já impossível, porque o rei deve estar a par de todos os nossos planos. Que pensais sobre isso?

WORCESTER — Essa doença deixou-nos mutilados. Terrível golpe; é um membro que nos cortam. Mas, vendo bem, nem tanto; exageramos a falta que nos faz. É aconselhável arriscar quanto temos num só lanço de dados e jogar tão rica presa no duvidoso azar de uma hora incerta? Não fora bem; poríamos às claras a alma e o fundo de nossas esperanças, o termo, o limite último de nossas aspirações.

DOUGLAS — Realmente; assim façamos, que nos resta, ainda, bela expectativa; podemos gastar tudo, na esperança do que há de vir. Fica-nos o consolo de um recuo.

HOTSPUR — Um refúgio, um lugar onde abrigar-nos, se o demônio e a má sorte cobiçarem as primícias de nosso empreendimento.

WORCESTER — Ainda assim, desejara que conosco vosso pai se encontrasse. A natureza de nosso intento não admite quebras nem divisões. Quem não souber a causa de achar-se ausente, há de pensar que o conde se afastou por lealdade ou por prudência, ou mesmo antipatia ao que fazemos. Semelhante apreensão, pensai bem nisso, pode fazer que uma facção medrosa venha a mudar de curso, ocasionando questões no seio mesmo da entrepresa. Pois bem sabeis que nós, os que exigimos, precisamos fugir de exames longos, tapar todas as fendas e os buracos por onde o olho do juízo espiar-nos possa. Essa ausência descerra uma cortina que mostra ao ignorante um novo medo com que antes não sonhara.

HOTSPUR — Avançais muito. Vejo nela, ao invés, certa vantagem, que é ter a nossa empresa maior brilho, maior autoridade e mais prestígio do que se o conde aqui estivesse. Os homens pensarão que se nós, sem tal auxílio, podemos fazer face à monarquia, com ele a deixaríamos de borco. Por enquanto estão sãs nossas junturas; tudo está bem.

DOUGLAS — É a visão da coragem, pois na Escócia a palavra temor não se ouve nunca.

(*Entra Sir Ricardo Vernon.*)

HOTSPUR — Primo Vernon! Bem-vindo, por minha alma!

VERNON — Deus permita que as novas o mereçam! O Conde de Westmoreland, forte de sete mil, se acha em caminho; o Príncipe João também vem com ele.

HOTSPUR — Não faz mossa; que mais?

VERNON — Soube, além disso, que se pôs o monarca mesmo em campo, ou se dispõe a vir celeremente para cá, comandando ingentes forças.

HOTSPUR — Também será bem-vindo. E onde se encontra seu filho, tão ligeiro e tresloucado, o Príncipe de Gales? Onde o bando que o acompanha e que o mundo pôs de parte, mandando que não pare?

VERNON — Em armas todos; todos bem equipados, semelhantes a avestruzes, ao vento as plumas soltas, sacudidos como águias ao banharem-se, nas cotas de ouro o brilho das imagens, cheios de vida como o mês de maio e, como o sol do estio, esplendorosos; na inquietação, cabritos, e selvagens como touros. O

moço Henrique hei visto, de viseira calada e armado a ponto, levantar-se do solo como o alado Mercúrio, e tão ligeiro à sela alçar-se tal como se das nuvens viesse um anjo para domar um Pégaso altanado e o mundo enfeitiçar com sua destreza.

HOTSPUR — Basta! basta! Pior que o sol de maio, gera febre esse encômio. Pois que venham! Chegam já ataviadas como vítimas que vamos ofertar quentes e rubras à deusa de olhos ígneos dos combates fumacentos. Com sangue até às orelhas em seu altar vai Marte ora sentar-se. Ardo ao pensar que, assim tão perto, ainda não é nossa tal presa. Meu cavalo, ides ver, vai lançar-me como um raio contra o peito do Príncipe de Gales. Corcéis em fogo, Henrique contra Henrique lutará até que morto um deles fique. Oh, se Glendower cá estivesse!

VERNON — Há novas: em Worcester ouvi, quando em caminho, que ele não poderá reunir seus homens antes de quinze dias.

DOUGLAS — Esta é a pior até agora de todas as notícias.

WORCESTER — Sem dúvida nenhuma, um som glacial.

HOTSPUR — A quanto monta o exército do rei?

VERNON — Trinta mil.

HOTSPUR — Pois que chegue até a quarenta. Mesmo estando meu pai e Glendower ausentes, lutarão nossas forças mui contentes. Façamos a revista; o último dia já está perto; morramos com alegria.

DOUGLAS — Não faleis em morrer; não temo a sorte, nem, ainda, este meio ano, a mão da Morte.

(*Saem.*)

CENA II

Uma estrada pública perto de Coventry. Entram Falstaff e Bardolfo.

FALSTAFF — Bardolfo, vai indo na frente, até Coventry, e enche-me uma garrafa de xerez. Nossos soldados atravessarão a cidade; teremos de chegar à noite a Sutton-Colfield.

BARDOLFO — Quereis dar-me o dinheiro, capitão?

FALSTAFF — Gasta, gasta à vontade.

BARDOLFO — Esta garrafa custa um anjo.

FALSTAFF — Se é assim, toma pelo trabalho, ainda que custe vinte, fica com todos eles, que eu respondo pela cunhagem. Dize ao meu tenente Peto que me procure na outra ponta da cidade.

BARDOLFO — Assim farei, capitão; passai bem.

(*Sai.*)

FALSTAFF — Quero ser bacalhau seco, se os meus soldados não me envergonham. Abusei miseravelmente da ordem real de alistamento. Por cento e cinqüenta soldados, ganhei trezentas e tantas libras; só alisto proprietários sólidos e filhos de lavradores; procuro informar-me dos noivos cujos proclamas já tenham sido lidos duas vezes, esses comodistas bem agasalhados que preferem ouvir o diabo a um tambor, aos quais um tiro de espingarda infunde maior medo do que a uma ave assustadiça ou a pato silvestre ferido. Só recrutei desses torradas-com-manteiga, de coração situado no ventre e pequenino como uma cabeça de alfinete. Todos compraram a dispensa do serviço, motivo por que a minha tropa se compõe agora de porta-bandeiras, sargentos, tenentes, oficiais de companhia, uns pobres-diabos tão esfarrapados quanto Lázaro dos panos de decoração, a quem os cachorros do glutão lambem as chagas; indivíduos que nunca sentaram praça, criados despedidos por desonestidade, os filhos mais jovens dos filhos segundos, criados de taberna que fugiram ao emprego e estalajadeiros arruinados, cancros, todos eles, de uma sociedade tranqüila e de uma paz prolongada, dez vezes mais vergonhosamente andrajosos do que velha bandeira remendada. É essa a gente de que disponho para pôr no lugar dos que compraram a dispensa do serviço, a ponto de imaginardes que se trata de cento e

cinqüenta filhos pródigos andrajosos que até então cuidassem de porcos, compartilhando de seus bagaços e babugens. Um tipo aloucado, que passou por mim na estrada, disse que eu havia esvaziado as forcas e recrutado cadáveres. Jamais olho humano contemplou semelhantes espantalhos. É de ver que eu não atravessarei Coventry com eles, tanto mais que estes velhacos marcham de pernas abertas como se carregassem grilhetas, porque em verdade os mais deles vieram das prisões. Não há mais do que uma camisa e meia em toda a companhia, não passando essa metade de dois guardanapos costurados e postos sobre os ombros, no jeito da túnica sem mangas dos arautos. Quanto à camisa, para dizer toda a verdade, foi roubada do meu hoteleiro em Santo Albano, se é que não o foi do homem de nariz vermelho do albergue de Daventry. Mas, que tem isso? Não lhes faltará roupa branca por todas essas cercas.

(*Entram o príncipe e Westmoreland.*)

PRÍNCIPE — Então, Jack pançudo? Como vai isso, acolchoado?

FALSTAFF — Olá, Hal! Que tal, maluquinho? Que diabo andas fazendo por Warwickshire? Meu bom lorde de Westmoreland, peço-vos perdão; julgava que Vossa Honra já estivesse em Shrewsbury.

WESTMORELAND — De fato, Sir John; era mais que tempo; ambos nós já devíamos ter lá chegado; no entanto, minha tropa ainda está por aqui. Posso afiançar-vos que o rei conta com a vossa cooperação; teremos de andar a noite toda.

FALSTAFF — Babau! Não vos preocupeis comigo; sou sempre tão vigilante quanto gato no ponto de furtar creme.

PRÍNCIPE — Bem apanhado: furtar creme! porque, à força de o fazeres, te transformaste em manteiga. Mas, dize-me uma coisa, Jack, que gente é essa que vem aí atrás?

FALSTAFF — Minha, Hal; minha.

PRÍNCIPE — Nunca vi chusma mais miserável.

FALSTAFF — Ora, ora! bons de sobra para serem espetados. Carne para canhão, carne para canhão. Saberão encher um fosso tão bem como os melhores. Pois é, amigo: homens mortais, homens mortais.

WESTMORELAND — Não há dúvida, Sir John; mas parece-me que estes são por demais pobres e mal nutridos; excessivamente andrajosos.

FALSTAFF — A pobreza, não sei de onde lhes veio; quanto ao serem mal nutridos, tenho certeza de que não aprenderam comigo.

PRÍNCIPE — É o que eu ia jurar; a menos que dês o nome de magreza a três dedos de gordura nas costelas. Mas vamos logo; Percy já se encontra no campo de batalha.

FALSTAFF — Como! O rei já acampou?

WESTMORELAND — Já, Sir John; receio que estejamos demorando demais.

FALSTAFF — Bem; para guerra no fim e almoço posto, mau soldado e conviva bem disposto.

(*Saem.*)

CENA III

O campo dos rebeldes, perto de Shrewsbury. Entram Hotspur, Worcester, Douglas e Vernon.

HOTSPUR — À noite atacaremos.

WORCESTER — Não é possível.

DOUGLAS — Dar-lhe-eis vantagens.

VERNON — Absolutamente.

HOTSPUR — Por que o dizeis? Não espera ele reforços?

VERNON — Tal como nós.

HOTSPUR — Os dele são seguros.

WORCESTER — Prudência, primo; é conveniente não atacar de noite.

VERNON — Isso, milorde.

DOUGLAS — Vosso conselho é mau; o medo e o frio do coração vos faz falar agora.

VERNON — Douglas, não me injurieis. Por minha vida! — sustentarei com a vida o que vos digo — desde que a honra prudente me aconselha, dou tanto ouvido ao fraco medo, como qualquer escocês vivo, ou vós, milorde. Amanhã, na batalha, mostraremos qual de nós dois tem medo.

DOUGLAS — Ainda esta noite.

VERNON — Que seja.

HOTSPUR — À noite, digo.

VERNON — Vamos, não pode ser. Muito me espanta que vós todos, caudilhos tão conspícuos, não vejais a seqüência de empecilhos que a empresa nos retarda. Alguns cavalos do primo Vernon ainda não chegaram, só tendo hoje alcançado o nosso campo os do vosso tio Worcester, que se acham no momento com o brio entorpecido pelo cansaço e faltos de coragem, valendo cada um deles a metade da metade do que eram.

HOTSPUR — Em conjunto, do mesmo modo estão os do inimigo: cansados das jornadas e abatidos. Dos nossos, os melhores já folgaram.

WORCESTER — Os do rei sobreexcedem muito aos nossos. Por Deus, primo, aguardai que cheguem todos.

(*Ouve-se toque de corneta, anunciando a chegada de um parlamentar.*)

(*Entra Sir Walter Blunt.*)

BLUNT — Trago do rei propostas mui graciosas, se quiserdes ouvir-me e respeitar-me.

HOTSPUR — Sir Walter Blunt, bem-vindo! O céu quisesse que estivésseis também do nosso lado. Muitos aqui vos amam; e esses mesmos o bom nome e os trabalhos vos invejam por não serdes de nossa qualidade, mas a todos tratardes como inimigos.

BLUNT — Deus impeça o contrário, enquanto os lindes transgredirdes das leis, alevantando-vos desta arte contra a sacra majestade. Mas, ao que vim: mandou-me o rei com o fito de saber vossas queixas e o motivo de hostil vos levantardes desse modo, no seio da paz pública, ensinando tamanha crueldade a seu leal povo. Se o rei pode olvidar vossos serviços — que são grandes, conforme o reconhece — formulai vossas queixas, pois com a pressa possível heis de ter, com juros, tudo o que pedirdes, sobre conceder-vos absoluto perdão, que abrange quantos por vossas sugestões se achem transviados.

HOTSPUR — Muita bondade de sua parte; todos vemos bem que o rei sabe quando é tempo de prometer e tempo de pagar. Meu pai, meu tio e

eu próprio lhe ofertamos o cetro que ora ostenta. Quando apenas tinha vinte e seis anos e era muito mal visto em toda parte, pobre e mísero, um banido sem nome, que na pátria só podia viver às escondidas, meu pai foi recebê-lo em nossas praias. E quando o ouviu jurar que como Duque de Lencastre, somente, é que voltava, a reclamar seus bens e a paz, com lágrimas de inocência e protestos de lealdade, meu pai, dele apiedado, comovido, jurou prestar-lhe auxílio e foi sincero. Mas, logo que os barões e os lordes viram Northumberland para eles inclinado, vieram todos, os grandes e os pequenos, saudá-lo reverentes, nas cidades, vilas e lugarejos; esperavam-no nas pontes, nos caminhos; presenteavam-no; prestavam juramentos e entregavam-lhe os filhos para pajens, em douradas multidões sempre aos passos a seguir-lhe. Mas a grandeza se conhece, e agora fica ele um pouco acima da promessa feita a meu pai, no tempo em que era pobre, em Ravenspurgh, na praia desolada. Hoje intenta a reforma de uns editos — imaginai! — de alguns decretos rígidos, que pesam demasiado sobre o povo, grita contra os abusos e se mostra compungido com os males da república. E com esse rosto, sob essa aparência de justiça, conquista os corações de quantos ele engoda. Foi mais longe: mandou decapitar os favoritos do rei ausente que este aqui

deixara no seu lugar, no tempo em que partira para a guerra da Irlanda.

BLUNT — Não vim para ouvir isso.

HOTSPUR — Chego ao ponto: depôs o rei dentro de pouco tempo; da existência o privou logo após isso; impôs taxas pesadas sobre o Estado; ainda pior: permitiu que seu parente March — que, com rigor, houvera sido seu verdadeiro rei — ficasse em Gales preso e por lá deixado sem resgate; defraudou-me da glória dos meus louros, procurou enredar-me em seus manejos, destituiu meu tio do Conselho, raivoso demitiu meu pai da corte, quebrou jura após jura, errou cem vezes, forçando-nos, em suma, a neste exército procurar segurança, sobre termos de contestar-lhe o título que achamos doloso por demais para ser dele.

BLUNT — Deverei dar ao rei essa resposta?

HOTSPUR — Não, Sir Walter; queremos combinar. Retomai para o rei; que ele nos mande caução para o retorno do emissário, e amanhã muito cedo irá meu tio levar-lhe nossas condições. Adeus.

BLUNT — Desejo que aceiteis amor e graça.

HOTSPUR — É bem possível.

BLUNT — Deus proveja nisso.

(*Saem.*)

CENA IV

Um quarto no palácio do arcebispo. Entram o Arcebispo de York e Sir Micael.

ARCEBISPO — Meu bom Sir Micael, levai nas asas da pressa ao Lorde Marechal a carta selada que aqui tendes. Para o primo Scroop esta outra; as demais, conforme os nomes dos endereços. Creio que poríeis toda a pressa, se o assunto conhecêsseis.

SIR MICAEL — Meu bom senhor, suspeito o que contêm.

ARCEBISPO — É bem possível. Amanhã, meu bondoso Sir Micael, a fortuna de dez mil homens deve passar por prova decisiva. É certo: porque em Shrewsbury, Sir, conforme pude colher de fonte limpa, o rei com forças poderosas e à pressa levantadas, deve atacar Lorde Harry. Sir Micael, receio que a doença de milorde Northumberland, em cujas forças todos confiávamos, e a ausência de Glendower, que de apoio valioso lhes servira, mas que não foi, por certas profecias, receio que o

poder de Percy seja fraco demais para enfrentar as forças do rei sem dilação.

SIR MICAEL — Não vejo causa para assustar-vos, meu bom lorde; o Douglas lá se encontra e, com ele, Lorde Mortimer.

ARCEBISPO — Não; Mortimer não foi.

SIR MICAEL — Mas Lorde Percy, Mordake, Vernon, sem levarmos em conta Lorde de Worcester e um pugilo de nobres valorosos.

ARCEBISPO — De fato; mas está com o rei a nata de todo o reino: o Príncipe de Gales, Lorde João de Lencastre, o nobre Westmoreland, Blunt ardoroso, e muitos outros concorrentes, todos experientes guerreiros de prestígio.

SIR MICAEL — Não o duvideis: hão de encontrar repulsa.

ARCEBISPO — É o que espero; contudo é bom ter medo. Para evitar o pior, sir, apressai-vos. Se Percy for vencido, o rei tenciona, antes de dissolver suas forças, vir-nos fazer uma visita, pois já sabe que entramos na conjura. É mui prudente fortificarmo-nos. Portanto, pressa, que ainda vou escrever a outros amigos. E com isso, passai bem, Sir Micael.

(*Saem.*)

ATO V

CENA I

O acampamento do rei, perto de Shrewsbury. Entram o Rei Henrique, o Príncipe João de Lencastre, Sir Walter Blunt e Sir John Falstaff.

REI HENRIQUE — Como surge sangrento o sol nos bosques daquela elevação! Parece pálido o dia, a tal conspecto.

PRÍNCIPE — A seus desígnios o vento sul faz de trombeta, uivando roucamente nas folhas o presságio de um pavoroso dia de tormenta.

REI HENRIQUE — Faz causa com os vencidos, que aos que vencem coisa alguma sombrio lhes parece.

(*Soam trombetas.*)

(*Entram Worcester e Vernon.*)

Como! milorde de Worcester, não fica bem que nós dois nos encontremos nestas circunstâncias. Burlastes a confiança que em vós

depositávamos; forçaste-nos a despir a ampla veste da quietude e a apertar no aço duro os velhos membros. Isso não é bom, milorde; isso é bem triste. Que respondeis? Quereis de novo o laço desatar de uma guerra abominável, retornando para a órbita de sempre, onde luz natural e tão radiosa vos distinguia, sem mais continuardes como úmido meteoro que suscita pavor, presságio certo de desgraças que impendem sobre os tempos não nascidos?

WORCESTER — Meu soberano, ouvi-me. De meu lado, ficara satisfeito, se passasse o restante da existência gozando as horas quietas, pois protesto que jamais hei buscado este desgosto.

REI HENRIQUE — Não o buscastes? De onde, então, proveio?

FALSTAFF — Encontrou no caminho a rebelião.

PRÍNCIPE — Empadão, fica quieto!

WORCESTER — Quis Vossa Majestade o olhar da graça desviar de minha casa e de mim próprio, conquanto vos relembre que nós fomos vossos primeiros e mais fiéis amigos. Quebrei, por vós, no tempo de Ricardo, meu bastão de comando; dia e noite viajei para que a mão vos osculasse, quando em prestígio e posição não éreis como eu tão poderoso e afortunado. Fomos,

eu próprio, meu irmão, seu filho, os que vos repatriamos, enfrentando os perigos do tempo. Então jurastes — e foi isso em Doncaster — que não tínheis em mente nada contra o Estado, e apenas vínheis reivindicar vosso direito sobre Gaunt, o ducado de Lencastre. Nessas bases, juramos-vos ajuda. Mas a Fortuna logo choveu tanto sobre vossa cabeça, e tão grande onda vos colheu de venturas: nosso auxílio, a ausência do monarca, os desvarios de uma época corrupta, os sofrimentos aparentes que tínheis suportado e os ventos que o monarca tanto tempo prenderam na infeliz guerra da Irlanda, a tal ponto que todos na Inglaterra o julgavam sem vida. Nesse enxame de vantagens risonhas encontrastes a ocasião de fazer que vos pedissem enfeixásseis na mão todo o governo; esquecestes a jura de Doncaster; como o cuco, essa raça ingrata e rude, faz com o pardal: tomastes-nos o ninho; com a nossa ajuda tanto vos inchastes, que de vós nosso afeto se afastava para não ser tragado; sim, forçoso nos foi, por segurança, bater asas para onde não nos vísseis, e estas mostras de guerra organizar. Ora contamos com quanto contra vós próprio forjastes com atitudes odiosas e ações graves e a violação de toda a fé que tínheis afiançado no albor de vossa empresa.

REI HENRIQUE — As coisas que ora articulastes foram proclamadas nas ruas dos mercados, lidas em todas as igrejas, para dar

brilho à vestimenta da revolta com cores que encantar a vista possam de alguns novidadeiros e dos pobres descontentes que ficam boquiabertos e o cotovelo coçam, à notícia dessas reviravoltas imprevistas. Nenhuma insurreição careceu nunca de cores de aquarela para a sua causa dar certo brilho, nem da inquieta canalha, que faminta sempre se acha de confusões, ruínas e desordens.

PRÍNCIPE — De parte a parte muitas almas devem pagar caro este encontro, se em verdade viermos a combater. Dizei a vosso sobrinho que com todo o mundo o Príncipe de Gales se associa no elogio de Harry Percy. Por minhas esperanças! se pusermos de parte esta entrepresa, não creio que haja nobre algum mais bravo, mais ativo e valente, ou moço e forte, mais audaz e arrojado e digno em tudo de o tempo engalanar com atos nobres. Por minha parte — coro ao confessá-lo — tenho sido o mandrião dos cavaleiros, opinião, que o sei bem, de mim faz ele. Mas ante a majestade de meu pai, declaro que terei grande alegria se ele ficar com todas as vantagens de seu nome e da fama e estiver pronto, para pouparmos sangue dos dois lados, a tentar só por só comigo a sorte.

REI HENRIQUE — Nós, Príncipe de Gales, te arriscamos, ainda que a isso se oponham infinitas objeções. Não, bom Worcester; não, não; amamos nosso povo, é certo; amamos até mesmo

os que se acham seduzidos pelo vosso sobrinho. E se aceitarem nossa graça na oferta que lhes damos, ele e eles, como vós, todos, em suma, serão nossos amigos e eu de todos. Dizei a vosso primo isso e trazei-me sua resposta. Mas, caso não ceda, a força e a repressão conosco se acham, e farão seu ofício. Podeis ir-vos. Não quero mais cansar-me com essa fala; boa é a oferta; tratai de aproveitá-la.

(*Saem Worcester e Vernon.*)

PRÍNCIPE — Por minha vida! Não serão aceitas. Juntos, Douglas e Hotspur, como se encontram, o mundo inteiro armado desafiam.

REI HENRIQUE — Avante, pois; os chefes em seus postos. Assim que responderem, lá estaremos; que Deus ampare a nossa causa justa.

(*Saem o rei, Blunt e João de Lencastre.*)

FALSTAFF — Hal, se me vires tombar na batalha, cobre-me com o teu corpo; é preito de amizade.

PRÍNCIPE — Somente um colosso poderia prestar-te semelhante preito de amizade. Dize as tuas orações, e adeus.

FALSTAFF — Desejara, Hal, que fosse hora de deitar e que tudo estivesse bem.

PRÍNCIPE — Ora, deves uma morte a Deus.

(*Sai.*)

FALSTAFF — A letra ainda não está vencida; repugna-me pagá-la antes do termo. Que necessidade tenho eu de ir ao encontro de quem não me chama? Bem, não importa: é a honra que me incita a avançar. Sim, mas, se a honra me levar para o outro mundo, quando eu estiver avançando? E então? Pode a honra encanar uma perna? Não. Ou um braço? Não. Ou suprimir a dor de uma ferida? Não. Nesse caso, a honra não entende de cirurgia? Não. Que é a honra? Uma palavra. Que há nessa palavra, honra? Vento, apenas. Bela apreciação! Quem a possui? O que morreu na quarta-feira. Pode ele senti-la? Não. Ou ouvi-la? Não. Trata-se, então, de algo insensível? Sim, para os mortos. E não poderá ela viver com os vivos? Não. Por quê? Opõe-se a isso a maledicência. Logo, não quero saber dela: a honra não passa de um escudo de porta de casa de defunto. E aqui termina o meu catecismo.

(*Sai.*)

CENA II

O acampamento dos rebeldes, peito de Shrewsbury. Entram Worcester e Vernon.

WORCESTER — Sir Ricardo, não deve o meu sobrinho saber que o rei foi liberal na oferta.

VERNON — Fora bom que o soubesse.

WORCESTER — Nesse caso. todos nós estaríamos perdidos. Não é possível, nunca pode dar-se que o rei nos ame sempre, como o disse; sempre há de desconfiar e de achar tempo de punir esta ofensa noutras faltas; cheia de olhos será sempre a suspeita, porque confiamos na traição do mesmo modo que na raposa: por mais dócil, domesticada e presa, não se esquece dos selvagens ardis da própria raça. Mostremos o semblante alegre ou triste, nosso olhar há de ser sempre suspeito; nossa vida será a do boi no estábulo: se o tratamento é bom, perto está a morte. O erro do meu sobrinho será fácil de esquecer, que o desculpa o sangue ardente da mocidade, além da alcunha em tudo privilegiada de chamar-se o doido Hotspur e de possuir miolo

de lebre. Sobre a cabeça de seu pai e a minha cairão seus erros todos: educamo-lo; e já que se estragou por nossa culpa, como fonte do mal, tudo expiaremos. Por isso, caro primo, que Harry nunca venha a saber das condições propostas.

VERNON — Falai como entenderdes, que eu confirmo; vosso primo aí vem vindo.

(*Entram Hotspur e Douglas; atrás, oficiais e soldados.*)

HOTSPUR — Meu tio já voltou; soltai milorde de Westmoreland. Que novas, meu bom tio?

WORCESTER — O rei vai atacar-nos sem detença.

DOUGLAS — Enviai-lhe um desafio por milorde de Westmoreland.

HOTSPUR — Lorde Douglas, dizei-lhe essas palavras.

DOUGLAS — Como não? Bem contente e sem demora.

(*Sai.*)

WORCESTER — Não há no rei nem sombra de demência.

HOTSPUR — E acaso a mendigastes? Deus nos livre.

WORCESTER — Com bons termos falei de nossas queixas e de seus juramentos quebrantados, o que ele pensa corrigir jurando que não quebrou nenhum. Dá-nos o nome de traidores, rebeldes, e promete castigar pelas armas nosso gesto.

(*Volta Douglas.*)

DOUGLAS — Às armas, cavalheiros! Já no rosto lancei do rei Henrique um repto ousado; Westmoreland, que era refém, levou-o; isso há de aqui trazer-no-lo depressa.

WORCESTER — Diante do rei o Príncipe de Gales para combate singular, sobrinho, vos reptou.

HOTSPUR — Oh! Quem dera que a contenda sobre nossas cabeças repousasse e que ninguém, salvo eu e Harry Monmouth, a vida hoje perdesse! Dizei logo: em que termos o fez? Mostrou desprezo?

VERNON — Não, por minha alma; nunca em minha vida soube de desafio mais modesto, a menos que um irmão a outro invitasse para exercício de armas amigável. Quanto a um homem adorna, concedeu-vos; em linguagem de príncipe teceu-vos o elogio; falou de vossos feitos como uma crônica, deixando sempre seus encômios aquém de vossos méritos, por julgá-los

acima de elogios. Depois, tal como a um príncipe compete, fez crítica severa de si mesmo, censurando seus erros com tal graça, como se dispusesse de dois dotes, o de ensinar e o de aprender a um tempo. Nisso ficou. Ao mundo, entanto, eu digo que se ele sobrevive ao presente ódio, jamais terá a Inglaterra uma esperança tão bela e promissora e ao mesmo tempo tão mal interpretada em seus desvios.

HOTSPUR — Primo, penso que estais enamorado de suas estroinices. Nunca houve príncipe tão devasso e amalucado. Mas, seja ele o que for, antes da noite, com braços de soldado hei de apertá-lo, derrubando-o com minha cortesia. Armai-vos logo! E, amigos, camaradas, considerai melhor vossos deveres do que eu, tão carecente de eloqüência, poderia dizer para exaltar-vos.

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO — Milorde, aqui estão cartas para vós.

HOTSPUR — Não é possível lê-las. Cavalheiros, a vida é muito curta; mas gastar em baixezas esse tempo, fora longo demais, ainda que a vida cavalgasse o ponteiro de um relógio, para extinguir-se dentro de uma hora. Viver, para pisar em reis e príncipes; morrer, mas com bravura, e eles conosco. Quanto à nossa

consciência, belas sempre são as armas, se o espírito for justo.

(*Entra outro mensageiro.*)

MENSAGEIRO — Preparai-vos, milorde, o rei já chega.

HOTSPUR — Sou-lhe grato por vir interromper-me. Não gosto de discursos; isto, apenas: que se esforce cada um o mais possível. Saco de minha espada, cuja lâmina pretendo enrubescer no melhor sangue que se me deparar nas aventuras deste dia tão cheio de perigos. E ora: Espérance! Percy! e avançar sempre. Mandai tocar os nobres instrumentos de guerra e ao seu clangor nos abracemos, porque — o céu contra a terra! — muitos, certo, jamais renovarão tal cortesia.

(*Soam trombetas; abraçam-se e saem.*)

CENA III

Planície entre os dois acampamentos. Entra o rei com suas forças; toque de combate; depois, entram Douglas e Sir Walter Blunt.

BLUNT — Que nome tens, para que assim me cruzes no caminho da luta? Que honras buscas sobre minha cabeça?

DOUGLAS — Vais sabê-lo: meu nome é Douglas; e se assim me afano sempre em teu seguimento na batalha, é por me haverem dito que és o rei.

BLUNT — Contaram-te a verdade.

DOUGLAS — Lorde Stafford pagou hoje bem caro parecer-se contigo, Rei Henrique; matou-o, em teu lugar, a minha espada, que o mesmo a ti fará, se, porventura, não te entregares logo prisioneiro.

BLUNT — Orgulhoso escocês, não nasci fraco; vais encontrar um rei que vinga a morte de Lorde Stafford.

(*Combatem; Blunt é morto; entra Hotspur.*)

HOTSPUR — Ó Douglas, se tivesses desse jeito lutado em Holmedon, eu não teria jamais a um escocês levado a palma.

DOUGLAS — Vencemos; acabou-se: eis morto o rei.

HOTSPUR — Onde?

DOUGLAS — Aqui.

HOTSPUR — Esse, Douglas? Jamais! Conheço-o bem; um guerreiro de prol, chamado Blunt, que como o próprio rei trazia as armas.

DOUGLAS — Que um louco a alma te siga em toda parte. Pagaste caro o título emprestado. Por que disseste, então, que eras o rei?

HOTSPUR — Vestido como o rei, muitos o seguem.

DOUGLAS — Por minha espada, vou matar-lhe as cotas, e, mais, peça por peça, o guarda-roupa, até que, enfim, o rei seja encontrado.

HOTSPUR — Prossigamos, então; nossos soldados mais que nunca se mostram esforçados.

(*Saem.*)

(*Toque a rebate; entra Falstaff.*)

FALSTAFF — Embora eu haja conseguido escapar de Londres, sem pagar, receio ter de prestar contas aqui. Neste lugar a conta é riscada no toutiço do freguês. Devagar! Quem és tu aí? Sir Walter Blunt! Que honra para vós! Quanta vaidade! Estou tão quente como chumbo derretido; tão quente e tão pesado! Deus me preserve de chumbo; não necessito de mais peso do que o de minhas próprias entranhas. Deixei os meus farrapos de gente onde os apimentaram a valer: dos cento e cinqüenta, escaparam apenas três, e assim mesmo em condições de só prestarem para mendigar o resto da vida nas portas da cidade. Mas quem vem aí?

(*Entra o príncipe.*)

PRÍNCIPE — Estás parado? Empresta-me a tua espada. Muitos nobres tombaram duros e hirtos sob os cascos do inimigo jactancioso, sem serem vingados. Dá-me a tua espada.

FALSTAFF — Oh Hal! Por piedade, deixa-me respirar um pouco. O turco Gregório jamais realizou as façanhas guerreiras que eu fiz hoje. Justei contas com Percy; pu-lo em lugar seguro.

PRÍNCIPE — Não duvido que o esteja; encontra-se vivo para matar-te. Vamos, empresta-me a tua espada.

FALSTAFF — Não! Por Deus, Hal; se Percy ainda está com vida, não terás a minha espada; mas, caso queiras, podes levar a minha pistola.

PRÍNCIPE — Pois seja. Mas que vejo! Ainda se encontra no estojo.

FALSTAFF — Sim, Hal; está quente, está quente; dará para engarrafar uma cidade.

(*O príncipe arranca do estojo uma garrafa de xerez.*)

PRÍNCIPE — Como! Isto é hora de brincadeiras e de galhofas?

(*Atira-lhe a garrafa e sai.*)

FALSTAFF — Está bem; se Percy ainda vive, vou furá-lo; bem entendido, no caso de atravessar-se ele em meu caminho, porque no caso de eu ir, por minha vontade, ao seu encontro, pode ele reduzir-me a carne assada. Não me agrada absolutamente a honra careteira que adorna Sir Walter. Dêem-me vida! Se puder conservá-la, bem; se não, a glória virá sem ser chamada. E com isso chegamos ao fim.

(*Sai.*)

CENA IV

Rebate. Movimento de tropas. Entram o Rei Henrique, o príncipe, João de Lencastre e Westmoreland.

REI HENRIQUE — Peço-te, Henrique, sai do campo; estás sangrando. Lorde João de Lencastre, ide com ele.

LENCASTRE — Não, milorde; eu também quero sangrar.

PRÍNCIPE — Peço que Vossa Majestade volte para a luta; receio que essa ausência desanime os amigos.

REI HENRIQUE — Vou fazê-lo. Milorde de Westmoreland, levai-o para a tenda.

WESTMORELAND — Vinde, milorde; vou acompanhar-vos.

PRÍNCIPE — Acompanhar-me? Não, não necessito de vossa ajuda. Deus me livre que uma simples arranhadura tire o Príncipe de Gales deste campo de batalha em que a nobreza está

sendo esmagada e os rebeldes triunfam no massacre.

LENCASTRE — Já descansamos bem; vamo-nos, primo de Westmoreland, que ali se acha o caminho do dever. Por amor de Deus, partamos!

(*Saem João de Lencastre e Westmoreland.*)

PRÍNCIPE — Por Deus, Lencastre, muito me enganavas; não julgava que fosses de tal têmpera. Amor fraterno, João, te devotava, porém, como a própria alma, hoje te prezo.

REI HENRIQUE — Eu o vi fazer frente a Lorde Percy com tal desenvoltura, como nunca se esperara de um moço inexperiente.

PRÍNCIPE — Essa criança a nós todos encoraja.

(*Sai.*)

(*Rebate. Entra Douglas.*)

DOUGLAS — Outro rei! São tais quais cabeças da Hidra. Eu sou o Douglas fatal a quantos usam semelhantes insígnias. Quem és tu, que a pessoa do rei desta arte imitas?

REI HENRIQUE — O próprio rei, que sente muito, Douglas, por teres encontrado tantas sombras dele em vez dele próprio. Meus dois

filhos a Percy e a ti procuram na batalha. Mas já que tive a sorte deste encontro, vou experimentar-te. Assim, defende-te.

(*Lutam; no momento em que o rei se encontra em perigo, entra o príncipe.*)

PRÍNCIPE — Vil escocês, levanta essa cabeça, ou jamais o farás. O braço anima-me o espírito de Shirley, Stafford, Blunt. E o Príncipe de Gales que te ameaça, que nunca prometeu, sem que pagasse.

(*Combatem; Douglas foge.*)

Refazei-vos, milorde. Como se acha Vossa Majestade? Sir Nicolas Gawsey mandou socorros, como Clifton também; corro para este.

REI HENRIQUE — Pára; respira um pouco. Redimiste teu crédito perdido, demonstrando todo o apreço que tens à minha vida com o socorro tão nobre que me deste.

PRÍNCIPE — O Deus! Injuriaram-me a esse ponto, dizendo que eu queria vossa morte? Se assim fosse, deixara que a mão ímpia de Douglas sobre vós pesasse agora, que vos teria dado fim tão rápido quanto os venenos todos deste mundo, poupando essa traição a vosso filho.

REI HENRIQUE — Vai para onde está Clifton; vou juntar-me a Sir Nicolas Gawsey.

(*Sai.*)

(*Entra Hotspur.*)

HOTSPUR — És Henrique Monmouth, se não me engano?

PRÍNCIPE — Presumias, acaso, que o negasse?

HOTSPUR — Chamo-me Henrique Percy.

PRÍNCIPE — Neste caso, vejo um bravo rebelde desse nome. Sou o Príncipe de Gales. Deixa, Percy, de disputar-me a glória por mais tempo. Não se movem dois astros numa esfera, nem pode na Inglaterra haver, tampouco, dois cetros: o do Príncipe de Gales e o de Harry Percy.

HOTSPUR — É certo, Harry; o momento chegou de um de nós dois deixar a vida. Quisesse Deus que tua glória de armas fosse agora tão grande quanto a minha!

PRÍNCIPE — Vou fazê-la maior ao separarmo-nos, ceifando do teu casco os botões da Honra, para tecer coroa que me adorne.

HOTSPUR — Enfara-me essa tua gabolice.

(*Combatem.*)

(*Entra Falstaff.*)

FALSTAFF — Bem respondido, Hal! A ele, Hal! Isto aqui não é passatempo de crianças, podes crer-me.

(*Entra Douglas, que combate com Falstaff, o qual se atira ao solo, fingindo-se morto; Douglas sai; Hotspur é ferido e cai.*)

HOTSPUR — Roubaste-me, Harry, a mocidade. A perda, porém, da vida frágil me dói menos do que os títulos nobres que em mim ganhas. Meu pensamento sofre mais que a carne ferida por tua espada. Mas escravo da vida é o pensamento, e a vida é apenas bufão do tempo, e o tempo, que domina tudo o que existe, há de parar um dia. Oh! quisera falar do teu futuro, mas a fria e terrosa mão da Morte me pesa sobre a língua. És poeira, Percy, só poeira e pasto...

(*Morre.*)

PRÍNCIPE — De vermes, bravo Percy. Adeus, coração grande! Mal tecida ambição, como agora te engrouvinhas! Quando este corpo a uma alma dava abrigo, limite ainda acanhado lhe era um reino; mas agora dois passos de vil terra são-lhe espaço bastante. Não se encontra cavalheiro mais nobre nessa terra que sustenta o teu corpo. Se ainda fosses sensível aos encômios, não faria demonstração tão franca de meu preito. Mas que minhas insígnias te recubram o rosto mutilado. Eu me agradeço tal prova delicada de ternura.

Leva ao céu tão-somente os elogios; que em tua sepultura durma a tua desonra, não lembrada no epitáfio.

(*Percebe Falstaff caído.*)

Um velho conhecido! Tanta carne não reteve um pouquinho só de vida? Adeus, meu pobre Jack! Melhor fora se eu tivesse poupado melhor homem. Perder-te me pesara hoje, em verdade, se afeiçoado ainda eu fosse da vaidade. Muitos corpos a Morte hoje há colhido, mas nenhum como o teu, gordo e querido. Vou mandar estripar-te; até que o faça, de Percy jaze no cruor, na graça.

(*Sai.*)

FALSTAFF (*levantando-se*) — Estripar-me! Se me estripares hoje, consinto em que amanhã me salgues e depois me comas. Com os demônios! Já era tempo de fingir de morto, antes que esse escocês turbulento me livrasse das dívidas. Fingir, minto; não fingi coisa alguma. Morrer é que é fingimento, porque quem não tem vida de homem, não passa de fingimento de homem; mas, fingir de morto para conservar a vida, não é fingir a imagem da vida, senão representá-la com verdade e perfeição. A prudência é a parte melhor do valor; salvei a vida, graças a essa parte melhor. Com a breca! Apesar de morto, esse Percy pólvora de canhão me mete medo. E se ele

também estivesse fingindo e se levantasse agora? Receio bem que saiba fingir melhor do que eu. Por isso mesmo, vou pô-lo em lugar seguro; sim, e hei de jurar que o matei. Por que motivo não poderá ele levantar-se tão bem como eu o fiz? Só poderiam contestar-me, se me vissem, o que não acontece neste momento. Por isso, amigo — (*dá-lhe uma punhalada*) — vinde comigo com mais este, ferimento na perna.

(*Põe às costas o cadáver de Percy.*)

(*Entram o príncipe e João de Lencastre.*)

PRÍNCIPE — Vamos, mano! Estreaste bravamente tua espada ainda virgem.

LENCASTRE — Devagar!

Quem nos surge! Não tinhas dito que esse homem gordo morrera?

PRÍNCIPE — Disse; eu próprio o vi no chão, sangrento e inanimado. Estás vivo, ou não passas de ilusão de nossos olhos? Peço-te, responde. Não confiamos na vida sem o ouvido; não és o que pareces.

FALSTAFF — É certo; não sou um homem duplo; mas se não sou Jack Falstaff, quero ser um João-ninguém. Aqui está Percy — (*Atira o corpo ao solo.*) — Se vosso pai quiser conceder-me alguma honra, bem; caso contrário, que ele

mesmo mate o próximo Percy. Espero tornar-me conde ou duque, posso assegurar-vos.

PRÍNCIPE — Mas se Percy foi morto por mim, ao tempo em que te encontravas sem vida!

FALSTAFF — Por ti? Senhor! Senhor! Como este mundo é mentiroso! Concedo que me achava no solo, sem fôlego. O mesmo se dava com ele; mas nos levantamos logo e combatemos uma boa hora, calculada pelo relógio de Shrewsbury. Se acreditarem no que eu digo, bem; se não, que semelhante pecado recaia sobre a cabeça dos que têm por obrigação premiar o valor. Morro dizendo que fui eu que lhe fiz esta ferida da coxa. Se o homem estivesse vivo e quisesse negá-lo, obrigá-lo-ia a engolir um pedaço de minha espada.

LENCASTRE — Jamais soube de caso tão curioso.

PRÍNCIPE — É que esse tipo, mano, é o mais curioso de quantos têm vivido. Pois carrega com nobreza teu fardo. De meu lado, se uma mentira te for útil, quero dourá-la com as palavras mais bonitas.

(*Ouve-se toque de retirada.*) Tocam a retirada; o dia é nosso. Vamos agora, mano, ver no campo que amigos estão vivos, quais morreram.

(*Saem o príncipe e João de Lencastre.*)

FALSTAFF — Vou segui-lo, como se diz, atrás da recompensa. Que Deus recompense quem me recompensar. Se eu crescer, diminuirei, porque pretendo purgar-me, abandonar o xerez e viver limpamente, como convém a um gentil-homem.

(*Sai.*)

CENA V

Outra parte do campo de batalha. Trombetas. Entram o Rei Henrique, o príncipe, João de Lencastre, Westmoreland e outros, com Worcester e Vernon, prisioneiros.

REI HENRIQUE — Sempre encontrou castigo a rebelião. Não vos mandamos graça, malvado Worcester, perdão para vós todos e amizade? Expuseste o contrário do que eu disse, e abusaste da fé de teu sobrinho. Três cavaleiros nossos, mortos hoje, um nobre conde e muitas mais criaturas ainda estariam vivos, se, como bom cristão, tivesses dado bom recado entre os dois campos contrários.

WORCESTER — Só fiz o que exigia a minha própria segurança. Paciente, aceito o fado que inevitavelmente em mim recai.

REI HENRIQUE — Levai Worcester logo para a morte, e também Vernon com ele. Sobre os outros rebeldes, com vagar decidiremos.

(*Saem Worcester e Vernon, escoltados.*)

Em que pé se acha o campo de batalha?

PRÍNCIPE — O nobre escocês Douglas percebendo que a sorte da jornada era contra ele, o nobre Percy morto, os outros homens prestes a debandar, fugiu com o resto, mas machucou-se tanto numa queda, que logo o aprisionaram. Douglas se acha na minha tenda; peço a Vossa Graça que eu possa dispor dele.

REI HENRIQUE — De bom grado.

PRÍNCIPE — Esse ato honroso de bondade, mano João de Lencastre, cabe a vós agora: ide a Douglas e ponde-o em liberdade plena, incondicionada e sem resgate. Seu valor, comprovado em nossas armas, ensinou-nos a honrar os altos feitos até mesmo no peito dos inimigos.

LENCASTRE — Desejo agradecer a Vossa Graça tão grande cortesia; serei prestes.

REI HENRIQUE — Ainda nos resta dividir as forças: filho João, vós com o primo Westmoreland sobre York marchareis a toda pressa, contra Northumberland e o Bispo Scroop, os quais, segundo ouvimos, se azafamam; a Gales, filho Henrique, iremos ambos, contra o Duque de March e Owen Glendower. Mais um dia como este e a rebelião rojará certamente pelo chão. Depois

de tal vitória, não paremos sem que nossos bens todos conquistemos.

(*Saem.*)

© copyleft 2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Novembro 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos GRÁTIS
direto na fonte:
www.ebooksbrasil.com